

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Curso Especialização em Neurociência

Departamento Ciências Biológicas

Keith Lee Pereira Gomes Ferreira Afonso

**AS INTERCESSÕES TEÓRICAS ENTRE COGNIÇÃO SOCIAL E AVALIAÇÕES
PSICOLÓGICAS DA PERSONALIDADE UTILIZADAS NO ÂMBITO
ORGANIZACIONAL**

Belo Horizonte

2017

KEITH LEE PEREIRA GOMES FERREIRA AFONSO

**AS INTERCESSÕES TEÓRICAS ENTRE COGNIÇÃO SOCIAL E AVALIAÇÕES
PSICOLÓGICAS DA PERSONALIDADE UTILIZADAS NO ÂMBITO
ORGANIZACIONAL**

Projeto de pesquisa teórica, realizado sob supervisão do prof^o João Vinícius Salgado, e apresentado como exigência de conclusão do Curso de Especialização em Neurociência da Universidade Federal de Minas Gerais.

BELO HORIZONTE

2º Semestre – 2017

043 Afonso, Keith Lee Pereira Gomes Ferreira.

As intercessões teóricas entre cognição social e avaliações psicológicas da personalidade utilizadas no âmbito organizacional [manuscrito] / Keith Lee Pereira Gomes Ferreira Afonso. – 2017.

63 f. : il. ; 29,5 cm.

Orientador: João Vinícius Salgado.

Projeto de pesquisa teórica, realizado sob supervisão do prof^o João Vinícius Salgado, e apresentado como exigência de conclusão do Curso de Especialização em Neurociência da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. Neurociências. 2. Cognição - Aspectos sociais. 3. Personalidade - Avaliação. 4. Psicologia. I. Salgado, João Vinícius. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Biológicas. III. Título.

CDU: 612.8

Keith Lee Pereira Gomes Ferreira Afonso

**AS INTERCESSÕES TEÓRICAS ENTRE COGNIÇÃO SOCIAL E AVALIAÇÕES
PSICOLÓGICAS DA PERSONALIDADE UTILIZADAS NO ÂMBITO
ORGANIZACIONAL**

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação em Neurociência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito para obtenção do título de especialista em Neurociência.

Aprovada em 05, de fevereiro de 2018.

Prof. Doutor João Vinícius Salgado - UFMG (orientador)

Prof. Doutor Breno Fiúza Cruz- UFMG

Prof. Mestre Emmanuely Macedo Santana de Nardin - UFMG

RESUMO

A cognição social refere-se a um processo neurobiológico e psicossocial que permite a interpretação de signos sociais que, de modo geral, tem por finalidade orientar a conduta entre indivíduos de uma mesma espécie. Seu campo de estudo é subdividido em três vertentes principais, a saber: teoria da mente, expressões faciais e prosódia emocional. Sucintamente, a teoria da mente diz respeito ao modo pelo qual o sujeito interpreta os signos sociais por meio de suas crenças, valores e autopercepção, já as expressões faciais e a prosódia emocional referem-se ao modo pelo qual o indivíduo percebe as emoções alheias através da face ou tonalidade da voz que o outro esboça.

No mundo corporativo e, principalmente, na atração e seleção de novos profissionais é essencial buscar candidatos que melhor se adaptem ao contexto de trabalho que será inserido. Para tanto, os psicólogos organizacionais utilizam-se das técnicas de avaliações psicológicas da personalidade, a fim de analisar quais são os aspectos comportamentais que o sujeito apresenta que estariam de acordo com o perfil comportamental desejado para determinado cargo. Dentre os testes aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) aplicado ao contexto organizacional temos dois grandes problemas: (1) Em sua maioria as aplicações das avaliações devem ser presenciais, bem como a cotação dos testes e elaboração dos pareceres devem ser confeccionados manualmente. (2) Não possuem um embasamento teórico que demonstre aspectos transculturais sob um viés biológico, que é inerente à condição humana, e que elimina o problema da desejabilidade social contido nos testes do tipo inventário.

Deste modo, ao considerarmos as bases da Cognição Social, podemos subentender que do ponto de vista biológico, não seja possível a pessoa dar respostas consideradas como socialmente mais aceitáveis, e negar sua associação pessoal com opiniões ou comportamentos considerados socialmente desabonadores, pois dificilmente poderá controlar os *inputs* cerebrais na exibição de seu comportamento.

Assim, apoiados pelo estudo da Cognição Social (CS) realizamos um paralelo conceitual entre CS e as teorias utilizadas como embasamento teórico para avaliação psicológica da personalidade aprovadas pelo CFP, a fim de identificarmos a correlação conceitual entre estes temas, de tal modo que possa apoiar pesquisas futuras para criação de uma nova avaliação da personalidade com este enfoque.

Palavras-chave: Cognição Social, Personalidade, Avaliação Psicológica.

ABSTRACT

Social cognition refers to a neurobiological and psychosocial process that allows the interpretation of social signs that, in general, aims to guide conduct among individuals of the same species. Your field of study is subdivided into three main strands, namely: theory of mind, facial expressions and emotional prosody. Briefly, mind theory relates to the way in which the subject interprets social signs through their beliefs, values and self-perception, whereas facial expressions and emotional prosody refer to the way in which the individual perceives the emotions of others through of the face or tonality of the voice that the other sketches.

In the corporate world, and especially in attracting and selecting new professionals, it is essential to find candidates that best fit the work context that will be inserted. Therefore, organizational psychologists use the techniques of psychological assessments of personality in order to analyze which are the behavioral aspects that the subject presents that would be in accordance with the desired behavioral profile for a certain position. Among the tests approved by the Federal Council of Psychology (CFP) applied to the organizational context we have two major problems: (1) The majority of the applications of the evaluations must be face-to-face, as well as the quotation of the tests and the elaboration of the opinions must be done manually. (2) They do not have a theoretical foundation that demonstrates aspects trans culture under a biological bias, which is inherent to the human condition, and which eliminates the problem about the desire for social acceptance contained in the inventory-type tests.

In this way, when considering the bases of Social Cognition, we can assume that from the biological point of view, it is not possible for the person to give answers considered as socially more acceptable, and to deny their personal association with opinions or behaviors considered socially disconcerting, the brain inputs in the display of their behavior.

Thus, supported by the study of Social Cognition (SC), we make a conceptual parallel between SC and theories used as theoretical basis for the psychological evaluation of personality approved by the CFP, in order to identify the conceptual correlation between these themes, so that it can support future research to create a new personality assessment with this approach.

Key-words: Social Cognition, Personality, Psychological Evaluation

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. OBJETIVOS	09
3. DESENVOLVIMENTO	09
3.1 – O que é personalidade	09
3.1.1 – Psicodinâmica: bases psicanalíticas	12
3.1.2 – Bases interacionistas	18
3.1.3 – Estrutura de traços e fatores	19
3.1.4 – Bases funcionalistas	22
3.2 – Sobre a cognição social e seus domínios	32
3.2.1 – Teoria da mente (ToM)	38
3.2.2 – Processamento emocional: expressões faciais e prosódia emocional	42
4. METODOLOGIA	46
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
6. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS	58
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1. INTRODUÇÃO

A cognição social refere-se a um processo neurobiológico e psicossocial que permite a interpretação de signos sociais que, de modo geral, tem por finalidade orientar a conduta entre indivíduos de uma mesma espécie.

O presente trabalho busca elucidar sobre o arcabouço teórico envolvido no tema cognição social, e se ele pode contribuir no construto de avaliação da personalidade para o contexto empresarial, pois grande parte das ferramentas disponíveis no mercado são utilizadas em contextos multivariados e devem ser adaptadas à realidade corporativa. Há, portanto, a busca por novos instrumentos que auxiliem os psicólogos que atuam diretamente com recrutamento e seleção dentro das organizações, e que frequentemente precisam adequar os resultados de avaliações da personalidade para este contexto.

Outro ponto de interesse refere-se à possibilidade de abordar o tema da cognição social sob o ponto de vista da neurociência. Grande parte dos testes psicológicos que apresentam os traços de personalidade, principalmente aqueles que são realizados em forma de inventário, pode apresentar o *gap* da desejabilidade social. Ao considerarmos as bases da neurociência cognitiva social, podemos subentender que do ponto de vista biológico, não seja possível a pessoa dar respostas consideradas como socialmente mais aceitáveis, e negar sua associação pessoal com opiniões ou comportamentos considerados socialmente desabonadores, pois dificilmente poderá controlar os *inputs* cerebrais na exibição de seu comportamento.

Em um processo seletivo a uma vaga de emprego é comum que o indivíduo em função da necessidade de conseguir o trabalho procure demonstrar aquilo que o entrevistador gostaria que ele fosse, e não aquilo que é de fato. A mesma tentativa é realizada nas avaliações do tipo inventário, que normalmente envolvem questionários estruturados em que o sujeito deve responder com base no seu autoconhecimento. Isto se torna um problema quando o profissional consegue “camuflar” sua própria identidade e acaba conseguindo um emprego que em curto médio prazo possa lhe trazer prejuízos na saúde mental e física. Evitar este tipo de

transtorno é um dos grandes motivos pelos quais são utilizadas avaliações da psicológicas da personalidade no âmbito profissional.

Se, por outro lado, for possível contar com instrumentos que têm um cunho biológico como plano de fundo em seus constructos, talvez seja possível minimizar os impactos da deseabilidade social em processos de seleção. Sob este aspecto acreditamos que as avaliações da cognição social possam contribuir na criação de novas avaliações psicológicas da personalidade para o contexto laboral, pois visam identificar como o sujeito interpreta os signos sociais. Ao partirmos do pressuposto que o indivíduo saiba decifrar os signos sociais contidos no ambiente de trabalho, torna-se possível garantir maior assertividade quanto à sua adaptação a este ambiente. Cabe ressaltar que é evidente a necessidade de análise de outras variáveis como a vida familiar, social e econômica do profissional, para que este não seja reduzido apenas aos resultados de uma avaliação psicológica.

Portanto, nossa estratégia será em princípio delimitar a extensão dos temas cognição social e personalidade, para que então seja possível identificar as intercessões teóricas, a fim de colaborar com futuras pesquisas e criação de novas ferramentas de avaliação da personalidade, preferencialmente, com o enfoque organizacional. Assim dividimos o trabalho em três momentos, sendo: (1) Explicar o conceito de personalidade conforme utilizado pelas ferramentas de avaliação psicológica com enfoque organizacional aprovada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2) Compreender o arcabouço teórico acerca da cognição social e suas vertentes. (3) Correlacionar estas duas teorias e identificar suas intercessões tanto no que dizem respeito aos aspectos teóricos quanto à similaridade entre as tarefas realizadas para cada um dos tipos de avaliação.

Por fim, nossa pesquisa não localizou estudos que fizessem correlação direta sobre os temas “Cognição Social” e “Avaliação Psicológica da Personalidade” nas bases de dados pesquisadas. Por outro lado, identificamos trabalhos citados em artigos que apresentam alguns pontos de congruência entre estes conceitos, de tal modo que incentiva a realização de pesquisas futuras considerando métodos que avaliem a personalidade e a cognição social, com enfoque na área organizacional.

2. OBJETIVOS

Nosso objeto de estudo é identificar quais as congruências existentes entre as abordagens teóricas utilizadas nas avaliações psicológicas da personalidade e os conceitos da cognição social (CS), bem como na aplicabilidade de suas técnicas, para que tais insumos sejam aproveitados em pesquisas futuras interessadas na criação de novas ferramentas da personalidade apoiadas sob estes conceitos. Mas, como a CS pode contribuir na construção de uma avaliação da personalidade para o âmbito organizacional? Até que ponto as teorias da personalidade podem ser relacionadas ao conceito de CS? E, principalmente, o conceito de CS pode ser objetivado por meio de testes nas organizações?

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. O que é Personalidade?

Responder a um questionamento tão simples, mas referente a um conceito tão complexo e de múltiplos vieses, não é tarefa fácil. Sob o ponto de vista da psicologia, há várias abordagens acerca deste conceito, e suas explicações são próprias de cada uma das escolas psicológicas, sendo: psicanalítica, comportamental, existencial/fenomenológica, humanista, social, entre outras vertentes. Deste modo, não nos caberá aqui discutir sobre este tema sob o ponto de vista de cada uma destas linhas de pensamento. Iremos, por outro lado, nos restringir às pesquisas realizadas pelos psicólogos que criaram ferramentas com objetivo de retratar os traços e ou características intrínsecas ao sujeito.

Mira (2014), explica que a personalidade, diferentemente de outros fenômenos como os das pesquisas lineares nos campos da inteligência e atenção, não teve modelos explicativos acerca do seu conceito (sua origem, formação, estrutura e dinâmica funcional) em propostas sucessivas baseadas em uma mesma concepção embrionária. Isso provavelmente contribuiu para uma multiplicidade de técnicas com embasamentos teóricos trilhados em caminhos paralelos ou opostos, ainda que simultâneos.

Mas, o fato de cada escola psicológica seguir uma estrutura didática para explicar o que venham a ser os traços de personalidade pode não ser efetivamente um problema. Se as diferenças individuais revelam preferências pessoais, aptidões, modelos de relacionamento e comportamento, e interferem diretamente na adaptação ao ambiente, isso, por si só, possibilita maneiras diversificadas de explicar o que venha ser efetivamente a personalidade.

Deste modo, a necessidade de subdividir os referenciais teóricos relativos à personalidade torna-se essencial e estes passam a ser classificados didaticamente em quatro grandes grupos, conforme demonstra Mira (2014, p.13): “(1) a proposta psicodinâmica; (2) a personalidade como produto da aprendizagem; (3) o fenômeno como decorrência da realidade percebida; (4) como estrutura de traços ou fatores complementares”. Além destes quatro referenciais teóricos citados por Mira (2014) iremos acrescentar as bases funcionalistas como um quinto elemento.

Para melhor entendimento, Mira (2014) aponta que *a psicodinâmica (1)* fundamenta-se sobre a teoria psicanalítica, preconiza o conceito de inconsciente e indica que a personalidade é formada por forças internas (memórias, conflitos psicológicos intensos), que resultam nos comportamentos humanos. Esta visão determinista foi elaborada por Freud, e também considerada nas contribuições de Jung, bem como nos modelos tratados por Adler, Fromm, Horney e Sullivan.

Também concebida pela mesma corrente filosófica, *a personalidade como produto da aprendizagem (2)*, ressalta de maneira oposta que o padrão de comportamento exibido repetidamente pelos indivíduos são produtos do ambiente que convivem e aprendem ao longo da vida, por meio de mecanismos interacionais reforçadores ou extintores. Skinner foi um dos precursores com a proposta do Condicionamento Operante, e Bandura com a Teoria da Aprendizagem Social. Eles, inclusive, evitavam usar o termo "personalidade" em seus constructos.

O fenômeno como decorrência da realidade percebida (3), foi amplamente utilizado por teóricos como George Kelly, Kurt Lewin, Abraham Maslow e sobretudo Carl Rogers, com a Teoria Centrada na Pessoa (Mira, 2014, *apud* Hall, Lindzey e Campbell, 2000). A corrente cognitivista, na medida em que foi valorizada por autores humanistas e fenomenológicos, buscou esvaziar as discussões anteriores, preconizando que os processos internos ou externos teriam pouca importância se

não fossem percebidos pelas pessoas, ou seja, a participação do indivíduo torna-se um processo derivativo da realidade percebida.

Baseados em modelos estatísticos complexos, um modelo menos pautado nas compreensões epistemológicas e mais empirista sustentou-se em formulações que buscam explicar a personalidade como uma *estrutura de traços ou fatores* (4). Preconizado pelos estudos pioneiros de Raymond Cattell, a identificação estrutural da personalidade se deu pela análise fatorial. Cattell participou ativamente de pesquisas no campo da inteligência geral, e percebeu as possibilidades de integralizar a base estatística do que conhecemos como fator "g" (Inteligência Geral) no campo da personalidade (Nunes, Hutz e Nunes, 2013). Este início ascendeu pesquisas posteriores, como do modelo de 3 fatores de Eysenck às mais recentes propostas do *Big Five*, ao qual denominamos como os Cinco Grandes Fatores (CGF), originado por Allport e Odbert, em 1936, reforçado por Fiske, em 1949 e, mais recentemente, por McCrea e Costa, em 1987 (Mira, 2014, p.14).

Estas quatro concepções didáticas, formam um grande arcabouço teórico e estão em sua maioria relacionadas com as 24 ferramentas utilizadas pelos psicólogos dentro das empresas e aprovadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). No quadro a seguir mencionamos apenas 21 ferramentas, em função de não termos conseguido acesso ao manual de três testes, a saber: Escala de Autenticidade, Agressividade e Inibição (EdAAI); Escala de Avaliação da Impulsividade (ESAVI); Escala Rathus de Assertividade. Cada uma destas ferramentas traz consigo uma ou mais bases teóricas e, portanto, um constructo acerca da personalidade ao qual podemos subdividi-las das seguintes formas:

Base teórica	Sigla	Teste
Bases Psicodinâmicas	EAT	Escala de Avaliação Tipológica
	Human Guide	Human Guide
	MBTI	Myers-Briggs Type Indicator
	QUATI	QUATI
	Rorschach	Rorschach
	Zulliger	Zulliger
	IFP-R e IFP II	Inventário Fatorial de Personalidade
	TAT	Teste de Apercepção Temática
Bases interacionistas	MAPA	Método de Avaliação de Pessoas
Bases Fatoriais	BFP	Bateria Fatorial de Personalidade
	CPS	Escala de Personalidade de Comrey

	ESEX	Escala Fatorial de Extroversão
	EFS	Escala Fatorial de Socialização
	ICFP- R	Inventário Cinco Grande Fatores - Reduzido
	IHS	Inventário de Habilidades Sociais (Del-Prette)
	LABEL	Lista de Adjetivos Bipolares e em Escala Likert
	NEO-PI-R	Inventário de Personalidade NEO - Revisado
	NEO FFI-R	Inventário de Personalidade NEO – Revisado (Versão curta)
Bases funcionalistas	PMK	Psicodiagnóstico Miocinético
	Palográfico	Palográfico
	Pfister	Pfister

Quadro (1) - Subdivisão das avaliações psicológicas da personalidade proposto por Mira (2014), incluindo as bases funcionalistas.

A intenção de subdividir as ferramentas de avaliação psicológica, considerando as suas raízes teóricas, deve-se ao fato de que cada teste embasou-se em uma destas teorias para criar seus métodos psicométricos de avaliação. Pretendemos a seguir, descrever o que seria a personalidade de acordo com cada um destes teóricos, com o propósito de responder o conceito de personalidade sobre o ponto de vista adotado pelos testes mencionados no quadro acima:

3.1.1 - Psicodinâmica: Bases Psicanalíticas

As teorias psicodinâmicas possuem suas bases psicanalíticas e, de modo geral, compreendem a personalidade sob o constructo teórico do inconsciente. Mesmo as pessoas que pouco conhecem sobre a psicologia, já ouviram dizer a expressão de que "Freud é o pai da psicanálise". Isto porque este médico e pesquisador austríaco foi o criador da teoria do inconsciente. Determinista, Freud estruturou e formulou a teoria do inconsciente sob a égide da tríade Id, Ego e Superego, que em linhas gerais e de maneira sucinta, podemos entender como sendo forças internas que se contrapõem e gerenciam nossa maneira de ser, agir e pensar. Seus estudos partiram de casos clínicos, e dentre os primeiros e mais famosos podemos citar o Caso Dora, cujo histórico perpassa sobre a vida de uma jovem com 18 anos que exibia comportamentos histéricos.

Freud partiu da premissa de que o ser humano desde o momento que nasce até a sua morte busca pelo prazer primordial, e desenvolveu todo seu pensamento crítico através de estudos de caso manuscritos nos textos de: O complexo de Édipo; O mal-estar na civilização; O homem dos lobos; O pequeno Hans, entre outros.

Cabe ressaltar que aprofundar sobre estas formulações não é nosso objetivo, no entanto consideramos interessante mencionar suas obras principais.

Dentre as avaliações psicodinâmicas da personalidade que muito se baseiam sobre esta teoria podemos citar: Rorschach e Zulliger. O principal método utilizado nestes testes é o da análise projetiva, cuja concepção oferece ênfase aos aspectos qualitativos e psicológicos, abordando a personalidade sob um ponto de vista intuitivo e global, de tal maneira que permita detectar características e motivações intrínsecas de uma pessoa. Na maior parte das vezes as técnicas projetivas solicitam aspectos daquilo que o sujeito não tem conhecimento. Este modelo, de modo geral, oferece certa singularidade sobre as características de personalidade dos sujeitos aos quais são submetidos. E, em sua maioria, têm melhor utilização para contextos de psicodiagnósticos, pois há grande fundamentação psicopatológica em seus estudos.

Vaz (2002, p. 19), as manchas não estruturadas projetadas sobre a tela, utilizadas nos testes Rorschach e Zulliger, suscitam associações perceptoassociativas nos examinandos que de uma forma ou de outra espelham situações internas, que por sua vez, influenciam o modo de tomar decisão, a tendência de determinadas atitudes, a maneira de pensar, sentir e se relacionar do indivíduo. Ainda que os resultados sejam quantitativos sob o ponto de vista da técnica projetiva, pode-se dizer ser ainda mais essencial as observações do avaliador sobre o avaliado. Vaz (2002, p. 57) menciona que "o rigor quantitativo seguido por um pesquisador em técnicas projetivas ou profissional da psicologia aplicada, sem levar em consideração o enfoque psicodinâmico na avaliação de uma pessoa implica em reduzir a personalidade a um organismo simples".

Independentemente da técnica, é sempre muito importante o avaliador levar em consideração as variáveis observáveis. Utilizar de uma técnica de avaliação da personalidade para uma verdadeira caça às bruxas, na tentativa de identificar patologias sem levar em consideração elementos sadios de uma pessoa no contexto clínico, ou, buscar resultados que comprometam o comportamento de um candidato a vaga de seleção sem, contudo, integrar a dinâmica dos dados quantitativos com o contexto de vida do indivíduo, pode tornar a técnica totalmente reducionista. Assim, é indispensável utilizar das técnicas de avaliação da personalidade como um

indicador ou um viés diante um todo para que se faça uma leitura singular e particular dos dados da personalidade.

Por fim, Vaz (2002, p.57) resumidamente expressa o que pode ser considerada a personalidade sob o ponto de vista da psicodinâmica baseada nos conceitos de Herman Rorschach:

A personalidade é um todo, funcional, dinâmico, e como tal não pode ser medida com aquele grau de precisão estatística que poderia ser desejada como ideal. Enfatizar um enfoque, entretanto, não significa excluir outros que fazem necessários para adequada compreensão de uma realidade.

Jung, um dos discípulos de Freud, introduziu a teoria do inconsciente coletivo, cuja investigação perpassa sobre como a pessoa constitui sua singularidade à partir de uma base comum a toda humanidade. Segundo Couto, Bartholomeu & Montiel (2016, p.42) a proposta de Jung foi formular hipóteses sobre as diferenças individuais à partir da observação de dois tipos básicos de comportamento: a extroversão e introversão, inferindo que os extrovertidos seriam indivíduos cuja energia psíquica se dirigiam para fora, isto é, para pessoas e eventos do ambiente externo. Já os introvertidos, dirigem sua atenção para esfera interna, ou seja, do pensamento e experiências do ambiente interno.

Esta premissa deu a concepção de uma vasta corrente denominada, entre os psicólogos, de análise tipológica, que vem a ser conforme expresso por Zacharias (2003, p. 7) "uma tentativa de, em linhas gerais, definir os estilos cognitivos e o comportamento individual, classificando semelhanças e diferenças em determinados grupos". De acordo com Couto, Bartholomeu & Montiel (2016, p.42):

Nos postulados de Jung (1928/1971) é possível observar que o autor subdividiu os tipos extrovertidos e introvertidos em oito tipos psicológicos, por meio da identificação de dois pares opostos de atitudes da consciência, as funções de Percepção – sensação e intuição, e as funções de Julgamento – pensamento e sentimento.

Podemos entender por "funções" a forma específica de atividade psíquica que permanece inalterada mesmo sob condições variadas. Às funções de percepção, Jung postulou referirem-se a aquisição de informações e à função de julgamento, a maneira como o indivíduo chega à conclusão referente àquilo que é percebido. A

elaboração conceitual dos oito tipos psicológicos pode ser entendida conforme explicita Couto, Bartholomeu & Montiel (2016) sendo:

(1) Sensação Extrovertida - orientação da energia psíquica para o ambiente externo, atenção e apreensão sensorial com foco e precisão no momento presente. (2) Sensação introvertida – energia psíquica orientada para o ambiente interno, apreensão dos fatos tanto da realidade externa quanto dos pensamentos e experiências internas. (3) Intuição extrovertida – orientação da energia psíquica para captação de novas ideias, foco em padrões de relação entre fatos, dados da realidade e possibilidades futuras. (4) Intuição introvertida – energia direcionada para o ambiente interno, apreensão de imagens do inconsciente e padrões de relação entre fatos, capacidade de insight. (5) Pensamento extrovertido – orientação da energia psíquica na busca de ordenamento lógico para o ambiente externo pela análise objetiva da realidade e ações claramente direcionadas para a solução de problemas. (6) Pensamento introvertido – refere-se a busca de precisão e ordenamento dos pensamentos pela reflexão e desenvolvimento de um sistema lógico de compreensão. (7) Sentimento extrovertido – energia psíquica orientada para busca de harmonia e estruturação do ambiente, para adequar os valores pessoais e o atendimento da necessidade das outras pessoas. (8) Sentimento introvertido - orientação da energia psíquica para busca de harmonia interna, por meio da sensibilidade aos valores pessoais, comportamentos manifestado por si próprio e pelas outras pessoas.

Os testes ou avaliações da personalidade que são baseadas nesta teoria seriam o EAT, o MBTI e o QUATI. Todos eles utilizam-se de inventários para identificar os tipos psicológicos e a orientação do modelo de comportamento esboçado pelo indivíduo, por meio de análises normativas e psicométricas a fim de compreender a expressão mais direta sobre o comportamento individual: interesses, atitudes e traços da personalidade.

Outros autores, como Leopold Szondi e Henry Murray, entendem que a consolidação da personalidade se dá pela direcionalidade empregada à dinâmica funcional e interativa entre aquilo que o sujeito percebe do objeto e ambiente externo validado sobre o que há no seu mundo interno. Silva (1989), explicita que a interpretação do indivíduo se dá a partir das necessidades e pressões percebidas que, por sua vez, promovem a motivação para busca de satisfação.

Sob este aspecto da motivação para realização ou propriamente a busca pela satisfação, Murray criou a "teoria das necessidades básicas", cujo conceito refere-se ao construto de uma força na região cerebral que organiza a percepção, a apercepção¹, intelecção, conação e ação, de modo a transformar satisfatoriamente uma insatisfação pré-existente. "Em outras palavras, a necessidade gera um estado de tensão, que conduzirá a ação no sentido de chegar a satisfação" (SILVA, 1989, p.4).

É interessante mencionar que Murray considera a personalidade como uma abstração formulada pelo teórico e não como a descrição do comportamento de um indivíduo. De acordo com Silva (1989, p.4), o autor procurou defini-la como:

Um compromisso entre os impulsos e as demandas do ambiente. Seria o agente organizador e administrador do indivíduo, cuja função seria integrar conflitos e pressões visando a satisfação das necessidades. Trata-se de um enfoque dinâmico, mas que reconhece elementos estáveis (id, ego, superego, ideal de ego).

Os testes que se apoiam sobre este embasamento teórico seriam o T.A.T e o IFP. O primeiro apoia-se sobre o método projetivo e o segundo sob análises normativas e psicométricas, utilizando-se de inventário para tal. Murray elaborou ainda uma lista das principais necessidades, aos quais o IFP baseou-se sobre 15 necessidades, conforme expresso por Pasquali, Azevedo & Ghesti (1997, p.11):

Assistência (*nurturance*); Dominância (*dominance*); Ordem (*order*); Denegação (*abasement*); Intração (*intraception*), Desempenho (*achievement*); Exibição (*exhibition*); Heterossexualidade (*heterosexuality*), Afago (*succorance*), Mudança (*change*), Persistência (*endurance*), Agressão (*agression*), Deferência (*deference*), Autonomia (*autonomy*) e Afiliação (*affiliation*). E cada uma das 15 escalas é composta de nove frases.

As definições e conceituações para cada uma das 15 escalas, podemos encontrar na íntegra em Murray (1938, cap.III), no entanto, podemos compreender de modo sintético e geral cada uma das escalas de necessidades, conforme a seguir:

¹ Entende-se por apercepção a interação dinâmica entre objetos do mundo externo e o mundo interno da pessoa, sendo esta a percepção dinamicamente ativa da realidade. (SILVA,1989 , p.1)

(1) "Assistência", expressa os desejos e sentimentos de piedade; (2) "Dominância", retrata sentimentos de autoconfiança e desejo de controlar os outros; (3) "Ordem", refere-se ao senso aguçado de organização; (4) "Denegação", expressa a resignação de submissão à força externa, ao erro e fracasso; (5) "Intracção", retrata o sujeito que se deixa conduzir por sentimentos e julga os outros por suas reais ou supostas intenções, não tanto aos fatos concretos; (6) "Desempenho", caracteriza-se pela ambição e empenho, pelo desejo de realizar algo difícil, dominar ou manipular objetos, pessoas e ideias, sobressair-se pelo desempenho; (7) "Exibição", reflete o desejo de impressionar, ser ouvido e visto; (8) "Heterossexualidade", refere-se ao desejo sexual sobre o sexo oposto; (9) "Afago", expressa a busca de apoio e proteção de alguém que o entenda e proteja; (10) "Mudança", retrata o desejo pela novidade e aventura, desliga-se de tudo que é rotineiro e fixo; (11) "Persistência", expressa a necessidade de terminar um trabalho por mais difícil que ele possa parecer; (12) "Agressão", refere-se a raiva, irritação ou ódio, ao desejo de fazer oposição, atacar e injuriar os outros; (13) "Deferência", caracteriza-se pelo respeito, admiração e reverência à superiores. (14) "Autonomia", refere-se ao desejo de sentir-se livre, a resistir a coerção ou oposição, em outras palavras, não gostam de executar tarefas impostas e preferem agir independentemente, seguindo seus próprios impulsos. (15) "Afiliação", retrata a necessidade de dar e receber afeto. Caracterizam-se pela confiança, boa vontade e amor. (PASQUALI, AZEVEDO & GHESTI, 1997, p.18-26).

Também guiado pela direcionalidade ou motivação em busca da satisfação, temos o psiquiatra húngaro Lepold Szondi, que desenvolveu o conceito de "inconsciente familiar" que vem a ser a manifestação das escolhas por meio de determinação genética e a ideia de "destino coercitivo".

Conforme expresso por Szondi (2013): "O inconsciente se manifesta por três vias: sintomas, símbolos e escolhas". No momento que o indivíduo assume uma posição individual, passa a se impor sobre aquilo que o inconsciente familiar sugere e, a partir de então, torna-se capaz de fazer escolhas autônomas. Sua pesquisa surgiu da curiosidade de compreender os fatores hereditários no retardo mental. Desde então, começou a pesquisar a genealogia das famílias na tentativa de descobrir a influência que o meio ambiente exerce sobre esta função.

O transcorrer de suas ideias seguem sobre o embasamento teórico da manifestação da pulsão, que a grosso modo podemos entender como uma força interna propulsora para a busca da satisfação. Szondi compreende à partir das árvores genealógicas que ao lado do inconsciente individual, proposto por Freud, e o inconsciente do grupo, proposto por Jung, havia uma terceira experiência inconsciente, ao qual denominou de inconsciente familiar ou a pretensão dos ancestrais.

É a partir deste conceito que toda sua obra se direciona, e dentre as mais conhecidas podemos citar "A introdução da Psicologia do Destino", que discorre sobre os conceitos de destino, escolha, pulsão, liberdade e compulsão. Szondi foi muito criticado pela academia na época em função do determinismo biológico imposto sobre a personalidade e pela impregnação pejorativa da palavra "destino".

Em 1990, com base na teoria pulsional, surge o HumanGuide cujo inventário foi criado especialmente para utilização em contexto organizacional. O teste avalia oito dimensões, ou fatores de necessidades pulsionais, as quais são estruturantes da personalidade e determinantes das escolhas do indivíduo, sendo:

(1) Sensibilidade – princípio feminino da receptividade passiva; (2) Força – princípio masculino da agressividade e transformação da realidade; (3) Qualidade – princípio ético, necessidade de ter uma participação socialmente positiva, contribuindo para a coletividade e/ou o meio ambiente; (4) Exposição – expressa a necessidade de ter uma participação social por meio do reconhecimento e de corresponder às expectativas externas; (5) Estrutura – racionalidade, princípio da realidade, necessidade de exercer controle e de delimitação; (6) Imaginação – intuição e criatividade, necessidade de expansão por meio das ideias; (7) Estabilidade – materialidade, necessidade de manter e conservar, de lidar com o tangível; (8) Contatos – oralidade e sociabilidade de uma maneira geral, necessidade de apoio e hedonismo².

3.1.2 - Bases Interacionistas

O inventário MAPA é fundamentado na teoria interacionista da personalidade, que parte do pressuposto de que a personalidade se constitui na interação do sujeito com o meio em que vive e pode ser considerada como um conjunto de variáveis

² Informações retiradas do link: https://rh99.com.br/imgs-index/PERFIL_PESSOAL_HUMANGUIDE_REV.pdf

pessoais ligadas a um ambiente e/ou domínio comportamental específico, e que nestas circunstâncias ela se modifica.

Os indivíduos têm estratégias distintivas que os levam a comportar-se de maneiras específicas em determinadas situações.

Esses comportamentos estão associados às suas expectativas e crenças, aos seus afetos, às suas metas e valores e às suas competências. De acordo com tais pressupostos, a definição das escalas, dimensões e indicadores foram elaborados a partir da descrição, organização e classificação de características e diferenças individuais, tendo como referência a linguagem do contexto organizacional que aponta alguns perfis essenciais no exercício de cada função em uma empresa.

3.1.3 - Estrutura de traços e fatores - CGF

Os Cinco Grandes Fatores da Personalidade (CGF), também conhecido na literatura como *Big Five* ou *Big Five Model*, surgiu do acúmulo de um grande conjunto de pesquisas na área da personalidade, envolvendo especialmente as teorias fatoriais e as de traço. Conforme expresso por Nunes, Hutz e Nunes (2013), sua história partiu da curiosidade de pesquisadores da área nas décadas de 30 e 40, que por meio da análise da linguagem para descrever pessoas, com o uso de descritores de traço (geralmente os adjetivos), procuravam entender melhor as características de personalidade. Seriam eles: McDougall, em 1932, Thurstone, em 1934, Allport e Odbert, em 1936, e Cattell, em 1947. Nunes, Hutz e Nunes (2013, *apud* Goldberg, 1982, p.204), cita que esse posicionamento decorreu da hipótese léxica, que afirma que "as diferenças individuais mais significativas nas interações diárias das pessoas, são codificadas na linguagem".

Este desenvolvimento teórico foi subsídio instrumental e metodológico para os psicometristas e estatísticos da época, sendo Thurstone e Cattell precursores da comprovação empirista de seus dados. De acordo com Nunes, Hutz e Nunes (2013), "o estudo de Thurstone, que verificou a adequação do modelo de cinco fatores de McDougall (1932), baseado em uma amostra de aproximadamente mil pessoas que foram avaliadas a partir de 60 variáveis". Este trabalho foi sequencialmente estudado por Cattell, 1947.

Capel e Oswald, (2004), descrevem exatamente como se sucederam as pesquisas em torno da teoria do traço, conforme a seguir:

O universo dos adjetivos descritivos da personalidade foi elaborado desde 1936 por Allport e Odbert, que compilaram uma lista de quase 18.000 termos em inglês (exatamente 17.954) relacionados com a personalidade. Os traços foram agrupados em uma primeira categoria que compreende cerca de 4.500 itens.

Em 1943, Cattell utilizou essa primeira lista como ponto de partida para pesquisas sobre a personalidade. Com uma análise fatorial, isolou 171 variáveis, a maioria delas bipolares e definidas por adjetivos referentes a cada polo, ou seja, em volta de 700 termos agrupados em 62 *clusters* e finalmente 35 escalas. Essas escalas serviram como base para o desenvolvimento da famosa teoria da personalidade apoiada em 16 fatores.

Nunes, Hutz e Nunes (2013) consideram McDougall (1932) o autor que pela primeira vez apresentou a explicação teórica da personalidade a partir dos CGF. Já Capel e Oswald (2004), citam que os precursores foram Allport e Odbert (1936). O que percebemos referente a este assunto é que na década de 30, houve várias pesquisas acerca da teoria dos traços da personalidade, embasadas sobre a hipótese lexicográfica correlacionada à metodologia de análise fatorial.

Ao que se refere à universalidade deste modelo como um descritor preditivo da personalidade, Mccrea e Costa (1987) defendem sua aplicação com base nas pesquisas que realizaram utilizando a versão adaptada do NEO-PI-R, inventário desenvolvido a partir dos conceitos dos CGF nos Estados Unidos, para seis línguas diferentes (alemão, português, hebreu, chinês, coreano e japonês) e constataram que em todas as versões o instrumento indicou sua replicabilidade (NUNES, HUTZ e NUNES, 2013).

E quais seriam os CGF? Os cinco adjetivos e seus significados têm nomes diferentes sob a ótica de alguns autores, mas todos apresentam o mesmo conceito. Vamos abordar a seguir os que são atualmente mais utilizados pelas ferramentas de avaliação psicológica conforme descrito em Nunes, Hutz e Nunes (2013):

(1) Extroversão - Refere-se à forma como as pessoas se relacionam com os demais e indica o quanto são assertivas, falantes, ativas, afetuosas. De modo geral, diz da intensidade das interações interpessoais. Pessoas com baixos escores neste fator tendem a exprimir comportamentos reservados, ainda que não necessariamente inamistosos, tendem a sobriedade, independência e normalmente são ditos como introvertidos. São diferenciados perante os estilos extrovertidos pelo fato de apresentarem "estados de espírito" menos exuberantes.

(2) Socialização ou Agradabilidade, como é normalmente mencionado pela tradução do inglês *Agreeableness*, diz da qualidade das relações. Este traço se relaciona à forma como a pessoa se apresenta ao longo de um contínuo interacional, como ela se estende da compaixão e empatia ao antagonismo. Pessoas com alto escore neste fator tendem a apresentar comportamentos generosos, prestativos e assumem posturas altruístas, estando sempre prontas a ajudar o outro. Por outro lado, pessoas com baixo escore tendem a exibir posturas menos cooperativas, levando-as a assumir atitudes manipuladoras, implacáveis ou até mesmo vingativas.

(3) Neuroticismo – Fortemente associado às características emocionais das pessoas, retrata o nível de ajustamento e instabilidade emocional quando experimentam padrões emocionais associados a desconforto psicológico, tais como: aflição, angústia, sofrimento – e, os estilos cognitivos e comportamentais decorrentes. Se a pessoa interage com o estresse ou situação de desconforto, expressando suas insatisfações ao ambiente. Ou se, por outro lado, tende a não transparecer suas emoções ou não interagir com estes padrões de desconforto psicológico. Conforme Nunes, Hutz e Nunes (2013, *apud* Costa & Widiger, 2002): "O fator inclui itens que identificam ansiedade, hostilidade, depressão, baixa autoestima, impulsividade e vulnerabilidade". Assim, pessoas com baixo escore neste fator tendem a exibir comportamentos mais estáveis e menos agitados diante situações emocionais desconfortantes. Cabe ressaltar que a extremidade destes escores, seja alta ou baixa demais, podem apresentar prejuízos na saúde mental e ou adaptação ao ambiente.

(4) Realização ou Conscienciosidade - Descrevem características relacionadas ao grau de organização persistência, controle e motivação. Pessoas com alto escore neste fator tendem a ser mais confiáveis, escrupulosas, perseverantes, trabalhadoras, pontuais, decididas e organizadas. Já pessoas com baixo escore tendem a ser pouco comprometidas, não têm objetivos claros e são menos perseverantes ou pouco responsáveis na execução dos trabalhos e/ou tarefas. Nunes, Hutz e Nunes (2013, *apud* Costa & Widiger, 2002) apontam que "frequentemente são descritos como preguiçosos, descuidados, negligentes e hedonistas". Também no fator realização é possível através da extremidade alta ou baixa, verificar alguns transtornos de personalidade, como o transtorno obsessivo-

compulsivo, o transtorno narcisista e o transtorno *BORDERLINE*³ em escores muito altos ou relativamente altos. Já para os escores baixos, pode-se identificar, por exemplo, o transtorno de personalidade antissocial.

(5) Abertura – Este fator descreve os comportamentos exploratórios e a abertura para novas experiências. Pessoas com alto escore nesta dimensão demonstram ser mais curiosas, imaginativas, criativas, divertem-se com novas ideias e possuem valores menos convencionais. Por outro lado, pessoas com baixo escore, tendem a ser mais convencionais, dogmáticas e rígidas quanto à suas crenças e atitudes. Demonstram de modo geral serem conservadoras nas suas preferências e menos responsivas emocionalmente ao imaginativo. Clinicamente, a extremidade de escore alto para este fator pode estar associada ao transtorno de personalidade esquizotípico ou histriônico.

A utilização dos conceitos destes fatores como a base da construção de ferramentas da personalidade permitiu a criação de múltiplos métodos de avaliação para os mais diversos contextos, como: escolar, trabalho, orientação vocacional e até mesmo clínico. E, em grande parte, a escolha dos CGF como base teórica ocorreu em função do empirismo contido nos modelos estatísticos de análise fatorial e da possibilidade de ser um modelo simples e econômico sob o ponto de vista da sua aplicabilidade, em contrapartida à profundidade da pesquisa envolvida em sua concepção teórica, bem como do acúmulo e evidências de sua universalidade.

3.1.4 - Bases funcionalistas

Ainda que no manual dos testes não possua a essência sobre a corrente teórica funcionalista, percebemos mediante o histórico e a metodologia utilizada pelas avaliações do PMK, Palográfico e Pfister, que estes possuem muito forte o viés sobre a psicologia funcional em detrimento das demais correntes teóricas.

A base funcionalista foi conquistada pelos americanos com o movimento da psicologia aplicada. E, ainda que ela não tenha sido considerada uma das grandes escolas da psicologia, sua descoberta e objetivo possuem grande valor para a construção do conceito de personalidade. Tendo em vista que seu objetivo não visava propriamente à descoberta dos elementos da experiência, mas sim, sobre a

³ Transtorno da personalidade *BORDELINE* ou “emocionalmente instável” (ver Dalgarrondo, 2008).

adaptação dos seres humanos ao seu meio ambiente tendo a consciência como seu guia necessário à sobrevivência.

Considerando a vertente teórica do teste PMK, os grandes teóricos e precursores envolvidos com a psicologia funcional foram: Charles Darwin, que "conduziu estudos que buscavam provar que a expressão motriz era significativa para o conhecimento da personalidade"; Francis Galton, que "influenciado pelos estudos de Darwin, buscou pioneiramente demonstrar a impossibilidade de haver um pensamento sem uma postura ou atitude muscular" através das teses de associações de ideias, diversidade da associação e tempo de reação; e William James, psicólogo e norte-americano, que "afirmou que a consciência é motora. Sustentava que o essencial da emoção é a tomada de consciência. Destacou que cada possível sentimento produz um movimento no organismo inteiro" (MIRA, 2004, p.15).

O grande diferencial da psicologia funcional ou do funcionalismo norte-americano devia-se ao fato de que a mente deveria ser estudada em função da sua utilidade para o organismo, tendo em conta a adaptação ao seu meio. De modo geral, o funcionalismo estava implicado com a utilidade dos processos psicológicos e seus conteúdos, frente a complexidade biológica e a complexidade da adaptação do ser humano ao ambiente.

Outra característica do funcionalismo é o fato de utilizar de vários meios metodológicos para explicar o processamento psicológico, sendo os principais métodos utilizados o da introspecção e o método comparativo. Assim, o uso de metodologias que possam complementar seus resultados é sempre utilizável, por exemplo: questionários, pesquisas fisiológicas, testes mentais, descrições objetivas e comportamentos. A ênfase sobre a metodologia devia-se ser sobre soluções de problemas práticos.

De acordo com Mira (2014, p.15) o embasamento teórico contido no teste PMK, apoia-se sobre esta vertente conceitual na medida em que considera como um de seus principais pressupostos a teoria motriz da consciência, ao qual articula que toda intenção ou propósito de reação seja acompanhado de uma modificação do tônus muscular postural. Este conceito teve grandes contribuições e discussões, considerando principalmente os quesitos inerentes a atitude, postura, tônus muscular e emoções por autores como: William James (1891); Nina Bull (1951),

Fovillé (1838-1912), Janet (1859-1942), Binet, (1857-1911), Washburn (1916); Allport e Vernon (1933), entre outros.

Conforme explicita Mira (2014, p.17), Edmund Jacobson (1888-1983), concebeu em seus trabalhos publicados sobre a importância que as variações do tônus muscular têm para determinar o processo intelectual, afetivo e volitivo. Suas experiências ocorreram através do registro das inconstâncias elétricas nas tensões musculares dos braços e das pernas em indivíduos sob estado de completo repouso ou vigília. Jacobson conseguiu experimentalmente demonstrar que o indivíduo em estado de repouso, ao ser solicitado para fazer qualquer representação de movimento ou de pensar ou recordar alguma coisa, fazia movimentos que iam de um décimo de milímetro até vários milímetros. Assim, teorizou que a atividade mental não é puramente ideativa, e que estava ligada ao movimento, anunciando assim o princípio da ideoplastia.

É relevante mencionar o conceito da teoria atitudinal, que surgiu à partir dos estudos da teoria motriz da consciência. Mira (2014, *apud* BULL, 1962, p. 89-90), considera que:

A Teoria Atitudinal baseia-se no fato de que em toda ação encontramos um estágio preliminar atitudinal, termo pelo qual queremos dizer postural, com tensões orientadas. Uma parte do organismo tem de se estabilizar e se orientar antes que o movimento possa originar-se, e isso é verdadeiro, até quando o movimento é espontâneo, não havendo demora entre a atitude e as fases da ação. Realmente uma grande parte da reação reflexa da musculatura esquelética não ultrapassa essa fase postural e o resultado é não um movimento, mas uma manutenção continuada da atitude. Nessas condições, somente quando acontece um bloqueio ou demora depois dessa fase preparatória reflexa (involuntária), é que o sentimento entra no quadro. A Teoria Atitudinal consiste, portanto, no conceito de atitude motora preparatória - detida em seu caminho para ação - que dá origem a estados sentimentais, ou, para dizer de outra maneira, os sentimentos se explicam como secundários à preparação corporal para a ação, mantida no estágio de "estar pronto para a ação", e são delas dependentes. Eles são trazidos por meio de mecanismos de *feedback* por vias proprioceptivas e enteroceptivas ao sistema nervoso central.

Outros pressupostos teóricos de cunho psicológico contribuíram de alguma forma para o construto da Teoria Motriz da Consciência, pois tanto psicólogos como filósofos puderam reconhecer a presença de elementos motores nas manifestações conscientes. Entre estes autores podemos destacar Fovillé (1838-1912), que afirmava ser toda ideia uma força. Janet (1859-1942), que introduziu nesse cenário o

conceito de tensão psicológica, e Binet (1857-1911), que de acordo com Mira (2014, p.16), afirmou que:

Todo pensamento é uma mímica interna e íntima. A espera, a surpresa, o julgamento, a atenção, a gratidão, tudo é provavelmente a expressão de atitudes psíquicas corporais que adotamos ou que se produzem em nós de uma forma puramente cerebral, sem que determinem contrações musculares totalmente realizadas.

Também sob a égide da teoria motriz da consciência, está a concepção de uma correlação entre a dimensão motriz e a consciência, que vem a ser o tônus muscular, outro pressuposto fundamental para concepção do processo de mensuração da personalidade pelo PMK. O termo é equivalente ao nível de tensão muscular que indica sempre uma polaridade entre dois extremos: a contração e o relaxamento. A este ponto Klages (1946) diferencia o tônus postural e atitudinal (contrátil), considerando-o como tônus muscular estático, do tônus muscular dinâmico, que está relacionado ao tônus emocional e ativo. (MIRA, 2014, p.17).

Por último, Mira (2014, p.18) explicita o princípio da dissociação miocinética como um terceiro pressuposto teórico, que de forma geral diz sobre as diferenças entre os dois hemisférios cerebrais, e a importância do corpo caloso nesta correspondência. Em suma, a Teoria Motriz da Consciência defende a presença de um tônus muscular deflagrador de todas as reações e que os indicativos dos movimentos da mão direita e esquerda, inferem sobre as dimensões da personalidade. Os exercícios são realizados por meio das expressões cinéticas nas três direções do espaço em sentido sagital, horizontal e vertical, e com isto, permitem determinar o tônus postural e atitudinal que predomina nos pares de músculos: extensor-flexor, abductor-adutor e elevador-depressor do braço. Contudo, "o PMK pode ser classificado como uma prova gráfica e expressiva que, a partir da estimulação proprioceptiva⁴, permite inferir aspectos atitudinais, variações do estado emocional/humoral e aspectos da personalidade" (MIRA, 2014, p.20).

⁴ A atividade proprioceptiva resulta da estimulação de receptores localizados em músculos, tendões, ligamentos, articulações e no labirinto, cuja função reflexa é locomotora ou postural, ou seja, são responsáveis pelo sentido de posição e de movimento (cinestesia).

Decorre da atividade proprioceptiva a estimulação consciente do córtex cerebral, que permite a percepção do corpo, de seus segmentos, da atividade muscular e do movimento das articulações, mesmo que de olhos fechados. Impulsos nervosos proprioceptivos inconscientes, por outro lado, são utilizados pelo sistema nervoso

Diante todo o esboço de construção do PMK foi possível perceber a aplicabilidade e revalidação do teste pelo CFP, devido às atualizações voltadas para os campos da fisiologia, psicofisiologia, neurofisiologia e outras evidências encontradas na literatura, que trouxeram suporte aos pressupostos da Teoria Motriz da Consciência. Assim, abarcado por análises empíricas, o PMK dispõe de indicadores importantes quantitativos e mensuráveis de seis fatores, sendo eles conforme Mira (2014, p.24):

O *tônus vital* sendo o nível de energia vital disponível, que refere-se a medida de potencial biológico disponível para ação diante uma situação de emergência, ou seja, assinala a capacidade de resistência e a energia propulsora para ação.

A *agressividade* que é subdividida em heteroagressividade e autoagressividade. Este fator é definido “como uma força propulsora que leva o indivíduo a uma atitude de afirmação e domínio pessoal perante qualquer situação”.

A *reação vivencial*, que é subdividida em extratenção e intratenção⁵. Trata-se da energia psíquica que é dirigida para fora, sob atitude de doação ou de exteriorização, e a energia psíquica dirigida para dentro, interiorização, ao qual promove a retenção do conteúdo psíquico. Mira (2014, p.129), diferencia bem o comportamento das subdivisões considerando que:

Quando predomina a conduta interna, ou seja, a atitude intratensiva, as atividades realizam no plano autístico, interno, subjetivo. O pensamento parece ausente, há riqueza interior, imaginação, a atenção se volta para os problemas com tendência a ruminar ideias. Nos casos que predomina a atitude externa, ou seja, um comportamento extratensivo, as atividades se manifestam para fora. As pessoas são expansivas, comunicativas, generosas, dirigem seus pensamentos para o mundo exterior e reagem aos estímulos.

A *emotividade*, também subdividida em escassa e hiperemotividade. É considerada como a capacidade de sentir em profundidade as impressões, e quando percebidas intensamente, ocasionam o choque emotivo. Isto decorre da suscetibilidade de vivenciar as emoções veiculadas e dependentes dos centros

central para regular a atividade muscular, por meio do reflexo miotático ou dos vários centros envolvidos com a atividade motora. (MIRA, 2014, *apud* Magill, 2000; Bear, Cannors & Paradiso, 2008).

⁵ Deve-se fazer uma consideração sobre o uso dos termos extratensão e intratensão no PMK. São termos que se referem ao movimento e à predisposição do tônus postural e que diferem dos termos extroversão e introversão que envolvem basicamente um conteúdo de expressão verbal.

diencefálicos, desencadeando uma reação global do sujeito, tanto orgânica quanto psíquica. Estas reações podem ser, por vezes, bruscas e são diferentes da afetividade, que está relacionada aos sentimentos, sendo uma reação mais íntima e mais psíquica.

A *dimensão tensional* subdivide-se em excitabilidade ou inibição. Refletem ao somatório de atividade elétrica do sistema nervoso: uma atividade maior gera um estado de excitação e uma menor um estado de inibição. De forma geral, pode-se dizer que a dimensão tensional está relacionada à energia química (metabólica) cerebral.

E, por último, o *predomínio tensional* que também é subdividido em impulsividade ou rigidez. Este deriva do processo fisiológico dos reflexos de inibição e excitação indicando se prevalece um controle tensional normal ou se a impulsividade ou rigidez predominam.

Sobretudo é lícito afirmar que o PMK considera estas dimensões de cunho fatorial, utilizando-se dos métodos de análise fatorial (Cronbach, 1996) para validação psicométrica destes fatores (MIRA, 2014, p.24).

A segunda avaliação, que podemos supor seguir as bases funcionalistas seria o teste Palográfico, criado na Espanha por Salvador Escala Milá, sendo desenvolvido e divulgado no Brasil por Agostinho Minicucci. (ALVES, & ESTEVES, 2004, p. 19). Assim como no PMK, o teste Palográfico é considerado como um teste expressivo de personalidade. De acordo com Alves & Esteves (2004, *apud*, Van Kolck, 1984, p.2):

No ato de desenhar estão presentes e juntas a *adaptação, a expressão e a projeção* e, “*mais do que qualquer produção pessoal deve ser analisado cuidadosamente*”. A adaptação se refere à adequação em relação à tarefa solicitada, isto é, se realiza a tarefa do modo convencional, original ou fantasioso, bem como se a execução está de acordo com a idade e o sexo. A expressão se refere “*ao estilo peculiar de resposta do sujeito, que se revela através das qualidades propriamente gráficas, que dizem mais respeito à forma*” (p.2). A projeção é avaliada através da atribuição de qualidades às situações e objetos, que aparecem no conteúdo e na maneira de tratar o tema.

Diversos autores, como Wolf e Precker (1974), Allport e Vernon (1933), Klages (1959), consideram assim como Van Kolck (1974-75), que o estudo das técnicas expressivas envolve constructos inferenciais baseados em nossa percepção sensorial da expressão. “É apenas na nossa percepção do corpo físico,

da linguagem e dos gestos do outro que se pode chegar a qualquer conhecimento sobre ele”. (ALVES & ESTEVES, 2004, p.24).

É extenso o estudo sobre a gênese do comportamento expressivo e de suas contribuições para avaliação da personalidade. “As evidências encontradas indicam que existe uma congruência entre os movimentos expressivos e as atitudes, traços, valores e outras disposições da personalidade”. (ALVES, & ESTEVES, 2004, p.25). Allport e Vernon (1933), apontam sobre a existência da individualidade sobre os aspectos dos movimentos, que servem como características para diferenciar um indivíduo do outro. Klages (1959), diz que todo movimento interior, corresponde a um movimento corporal análogo. A este respeito Alves, & Esteves (2004 *apud* Hammer, 1991, p.42) diz que “os músculos de um indivíduo são honestos”, ou seja, ainda que uma pessoa tente esconder o que se passa em sua mente, os músculos da face, os ombros, e a postura corporal a revelam. A fala e a linguagem, podem até tentar ocultar as necessidades e desejos, mas os músculos não são controlados de maneira similar.

E onde podemos através da expressão gráfica no Teste Palográfico identificar os três pilares: adaptação, expressão e projeção? Alves, & Esteves (2004, p. 28), oferecem-nos a seguinte reflexão: Ao aprender a escrever a criança o faz de acordo com uma forma padrão, com um modelo, e isto tende a limitar seus impulsos individuais de movimento. Com o passar do tempo, à medida que vai desenvolvendo a “maturidade gráfica”, ela passa a adquirir características individuais, se afasta do treino e da convenção, ou seja, impregna sua individualidade na escrita. Neste momento, seu estilo de escrever aparece como um tipo de comportamento expressivo. O mesmo ocorre com qualquer outro tipo de grafismo, como o de desenhar traços na vertical, tal como ocorre no Palográfico.

Assim, a ideia de dividir o teste em duas etapas refere-se ao entendimento de que no primeiro momento a pessoa estará preocupada em atender aquilo que lhe é solicitado (adaptação), já no segundo momento tenderá a realizar a tarefa sem tanto pragmatismo, sendo mais espontânea e impregnando maior individualismo na realização de seus traçados (expressão). E, é neste momento que se pode inferir sobre características intrínsecas aos sujeitos que são submetidos ao teste.

Assim, considerando a base teórica a cerca do comportamento expressivo e das técnicas gráficas sobre a personalidade, sendo a principal delas a grafologia⁶, o teste Palográfico traz consigo campos de análise quantitativa e qualitativa, que buscam interpretar a composição e as características pessoais impregnados na expressão dos traçados (Palos) de seus avaliados. Muito resumidamente, e de acordo com Alves & Esteves (2004) podemos medir as características pessoais de acordo com a:

Produtividade: É avaliada pelo número de traços executados durante o teste.

Ritmo: O ritmo no Palográfico é avaliado pelo Nível de Oscilação Rítmica (NOR), que verifica a variabilidade da produtividade nos diferentes tempos do teste.

Distância entre os palos: O comportamento em relação a atividade.

Inclinação dos palos: Grau de vínculo afetivo que o indivíduo estabelece com as pessoas.

Tamanho dos palos: A autoestima ou valorização de si.

Direção das linhas ou alinhamento: Revela as flutuações do ânimo, humor e força de vontade.

Distância entre as linhas: Simboliza o relacionamento interpessoal, ou seja, a maior ou menor distância que um indivíduo quer manter em relação aos outros.

Margens: Indicadores da capacidade organizadora do indivíduo em relação ao ambiente, ou seja, a capacidade de adaptação ao meio.

Pressão e qualidade do traçado: Retrata o grau de firmeza sobre as próprias atitudes.

Organização ou ordem: Considerada como uma forma de pensar e agir. Ocorre de acordo com um plano, método ou regra, que avalie e relacione os fatos e as coisas de uma maneira clara, coerente, precisa e ordenada.

Além disso, o teste demonstra os tipos de irregularidades nos traçados relacionados à: pressão, ganchos, tremor, palos quebrados, laços, linhas espelhadas, correções ou retoques, reforços da linha, traçado repassado e chaminés, acompanhados de particularidades que podem estar relacionadas a psicopatologias, alcoolismo, dificuldades cognitivas, entre outros.

⁶ ALVES & ESTEVES (2004, p. 29) afirma que Allport (1974) considera que a *letra* é a forma de expressão mais conhecida. A partir dela os grafólogos fazem a "*leitura do caráter*". De acordo com diversos autores que estudam a grafologia, deve-se considerar que a escrita não é apenas um produto da "*mão*", mas é uma "*escrita do cérebro*", a qual é "*influenciada por todos os tipos de impulsos nervosos expressivos, que dão um colorido individual aos movimentos adaptativos da mão*".

Apesar de não utilizar de técnicas expressivas para esboço da personalidade, o exame das Pirâmides Coloridas de Pfister, conhecido apenas como Pfister, pode ser também um teste psicológico de bases funcionalistas, na medida em que busca por meio das relações entre cor e emoções inferir sobre a personalidade e o modo de adaptação do ser humano em seu meio.

De acordo com Villemor-Amaral (2012) os vastos campos de estudo para a relação entre cor e emoções, que se originam do senso comum e impregnaram manifestações culturais e artísticas, passando pelas teorias mais complexas pautadas nos paradigmas atuais da ciência, tornam-se substratos de demonstração do estilo de comportamento ou características pessoais de outrem.

As atribuições simbólicas, representadas em manifestações culturais/religiosas e artísticas possuem certa universalidade de acordo com o Dicionário dos Símbolos proposto por Chevalier & Gheerbrant (1997), ao qual esclarece que estas mantêm um simbolismo básico. Por exemplo, a cor azul mantêm sempre a conotação de cor fria, ligada ao pensamento, a divagação e introversão; o vermelho aparece como a cor do instinto, da paixão; o amarelo como a cor da expansão, do vigor e também da infidelidade ou solidariedade; o verde como a cor de síntese, humana, do despertar da vida, e etc. (VILLEMOR-AMARAL, 2012, p. 26).

Sobretudo, o Pfister destaca em sua concepção teórica os aspectos culturais/religiosos, artísticos e científicos no estudo das cores, sendo o produto destes correlacionado com as emoções. Ao utilizar das considerações do campo artístico a respeito das cores, foi possível contrapor a racionalidade da forma em detrimento da emocionalidade empregada às cores. Um exemplo citado por Villemor-Amaral (2012, p.27) por Goethe diz que “a partir de sua experiência de vida no hemisfério norte, após muitos dias de chuva, sentiu-se o prazer com o sol iluminando os objetos, intensificando as cores e fazendo tudo ficar mais vivo”. Assim, Goethe considera que as impressões produzidas pela cor são inconfundíveis, causando efeitos diferenciados no estado emocional. Há indícios de que ele tenha feito experimentos colocando pessoas em quartos fechados de apenas uma cor ou usando lentes coloridas, para observar as reações das mesmas. (VILLEMOR-AMARAL, 2012, *apud*, PAWLIK, 1983).

No campo da ciência, a física, a natureza fisiológica das cores e as neurociência, contribuem para um entendimento aplicável e empírico sobre esta correlação. Os estudos iniciam dos primeiros estudos físicos da teoria da cor – a refração, ondas eletromagnéticas – até o seu processamento nas áreas cerebrais, seguindo o fluxo desde quando a cor é percebida até as áreas acionadas no campo visual e o córtex relacionado à cognição e emoção. Conforme Amaral (2012, p.30):

“LeDoux (1998) apresenta a evolução das teorias sobre como o cérebro integra as sensações provenientes do meio ambiente externo com as sensações viscerais do corpo e como se dá a rede de comunicação que permite o trânsito de informações até sua tradução mental, cognitiva. (...) De um modo bastante simplificado, pode-se dizer que os centros receptores e efetores das emoções estão localizados em estruturas cerebrais subcorticais semelhantes e próximas às dos receptores dos estímulos captados pelos órgãos sensoriais, entre eles a visão”.

Embora Villemor-Amaral (2012) considere a neurociência um campo de estudo que possa ajudar a compreender melhor a relação tão aceita culturalmente entre cor e emoção, “há um longo trajeto a percorrer para se chegar a uma compreensão mais completa e avançada dos mecanismos neurofisiológicos” (Villemor-Amaral, 2012, p.31). Sob este prisma, a autora afirma haver um vasto caminho a ser percorrido para construção de novas pesquisas, ao qual não se estendeu em seu estudo.

A personalidade é avaliada pelo Pfister considerando os seguintes tópicos para análise dos resultados:

- O comportamento durante a prova: - O processo de execução e o modo de colocação;
- O aspecto formal;
- O significado das cores inseridas no teste, que podem ser o verde, azul, vermelho, amarelo, laranja, marrom, violeta, preto e branco;
- O agrupamento de cores por dupla;
- As síndromes cromáticas;
- As fórmulas cromáticas;
- A variação cromática e de matizes;
- A análise de sequência;
- Integração forma e cor;
- Posição das cores nas pirâmides;
- Tendência reacional.

Cada um destes itens diz sobre o comportamento e a maneira de ser das pessoas que são submetidas à avaliação.

Sabe-se que dentro dos processos de recrutamento e seleção, o psicólogo organizacional trabalha em prol de identificar perfis profissionais aderentes aos cargos aos quais concorrem. Vários são os métodos utilizados por estes psicólogos, na tentativa de identificar características de personalidade que estejam congruentes com as funções e atividades a serem exercidas pelo futuro profissional. Acima demonstramos, como cada uma das técnicas de avaliação da personalidade delimitam este conceito. Esta amplitude foi muito bem resumida por Dalgalarrodo (2008, p.257), sendo:

Um conjunto integrado de traços psíquicos, consistindo no total das características individuais, em sua relação com o meio, incluindo todos os fatores físicos, biológicos, psíquicos e socioculturais, conjugando tendências inatas e experiências adquiridas no curso de sua existência.

Para nós, Dalgalarrodo foi feliz em sua delimitação sobre o construto teórico da personalidade, pois todas as escolas de psicologia podem em certa medida concordar com seu exposto.

3.2. Sobre a cognição social & seus domínios.

Abordar a teoria da cognição social não é tarefa fácil, tendo em vista a amplitude de seu estudo. Trata-se de um tema que avalia aspectos bio-psico-sociais que visam interpretar o comportamento humano frente a indivíduos de uma mesma espécie. Deste modo, abordar como o sujeito apreende o mundo e reage a ele, é instigante do ponto de vista da compreensão do *ser* humano.

De acordo com a literatura revisada podemos encontrar a conceituação sobre o tema cognição social em duas vertentes principais: psicologia e neurociência. E, dentro delas, ramificações que explicam o conceito linearmente, paralelamente ou complementarmente de acordo com a corrente teórica. Pela psicologia podemos encontrar explicações pelas vertentes da psicologia social e psicologia cognitiva, principalmente. Seguindo o arcabouço teórico da neurociência, podemos encontrar conceitos a partir da neurociência cognitiva e da neurocognição social.

Considerando os antecedentes filosóficos de ambas as correntes teóricas, poderemos observar através do esquema abaixo, como se forma a arquitetura conceitual sobre a cognição social:

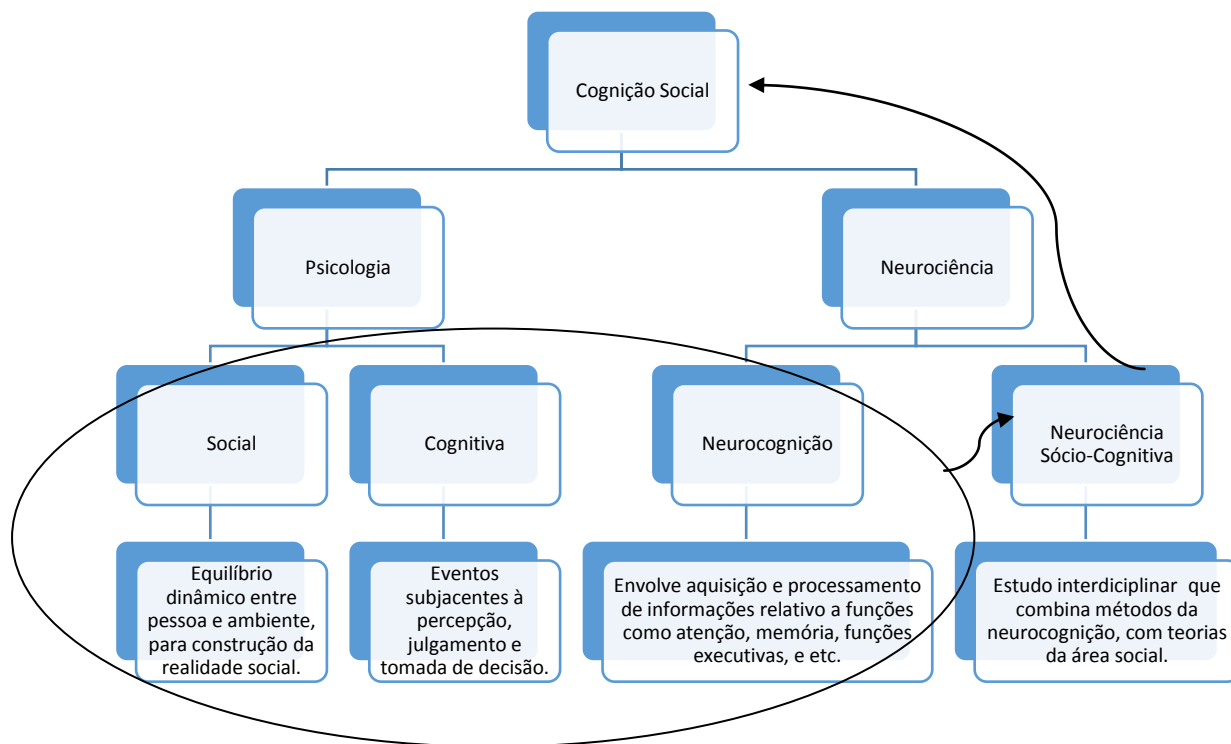


Fig. (1) Esquema conceitual sobre a cognição social.

Nota-se a partir deste esquema a formação de um emaranhado conceitual, e dentre todas as correntes teóricas que permeiam seu campo de estudo e foram analisadas no presente trabalho, consideramos ser a mais rica para o campo de estudo da cognição social, o que Garrido, Azevedo e Palma (2011) chamou de Neurociência Sócio-Cognitiva (NSC):

A NSC procura deste modo, estudar os mecanismos neuronais que estão subjacentes aos processos sócio-cognitivos (e.g., Blakemore, Winston, & Frith, 2004) através da combinação de três níveis de análise: o nível social, relativo aos fatores sociais e motivacionais que influenciam o comportamento e a experiência; o nível cognitivo, que diz respeito aos mecanismos do processamento de informação que levam aos fenômenos de nível social; e o nível neuronal, centrado nos mecanismos cerebrais que levam aos processos de nível cognitivo. (Ochsner & Lieberman, 2001).

Consideramos interessante mencionar a distinção conceitual proposta por Mehta, et.al. (2013), entre os termos neurocognição (NC) e cognição social (CS), onde: NC estuda a aquisição e processamento de informações gerais das funções executivas, atenção, memória, sendo relativamente neutra em termos de afeto tanto

em situações não sociais (lavar a louça), como em situações sociais (responder a um elogio). Diferentemente, a CS “representa a interface entre processamento emocional e cognitivo, com qualidade intersubjetiva, requerendo habilidades reflexivas (meta-cognitivas) e inferências sociais” (MEHTA, ET. AL., 2013),. As dissociações entre CS e NC podem também ser vistas sob diferentes condições clínicas, onde indivíduos com lesão do lobo pré-frontal, prosopagnosia e síndrome de Asperger têm habilidades neurocognitivas relativamente intactas, mas têm comprometimento em CS. O contrário também é verdadeiro no caso de indivíduos com síndrome de Williams, que tendem a ser sociais, porém apresentam déficits intelectuais.

Por fim, Pinkham, et. al. (2014) considera que a cognição social é, de modo geral, uma “abordagem conceitual genérica, com o objetivo de compreender e explicar como é que as pessoas percebem a si próprias e aos outros, e como estas percepções permitem explicar, prever e orientar o comportamento social”. Green et al. (2008), considera que:

O termo cognição social é definido de várias maneiras, mas geralmente se refere às operações mentais subjacentes às interações sociais, incluindo perceber, interpretar e gerar respostas às intenções, disposições e comportamentos dos outros.

Contudo, este alcance torna-se possível a partir dos três grandes domínios da CS, a saber: Teoria da Mente, Expressões Faciais e Prosódia Emocional (Pinkham, et. al., 2014), aos quais visam compreender como se dá o funcionamento cerebral do ponto vista cognitivo e emocional. Congressos como os promovidos pelo Instituto Norte-americano de Saúde Mental (NIMH) ampliam as visões sobre as definições, avaliações e oportunidades de pesquisa nesta área. Conforme relatado por Green et al. (2008), foram identificados três obstáculos gerais ao progresso da pesquisa em CS no âmbito das psicopatologias, sendo: “(1) psicométrica e mensuração, (2) maturidade do campo e (3) falta de pontes interdisciplinares entre pesquisadores clínicos e básicos”. Cabe ressaltar que estas limitações foram identificadas principalmente nos estudos de CS voltados para o campo da saúde mental, mais especificamente a esquizofrenia.

Há que se considerar, realmente, que a interdisciplinaridade no campo de estudo da CS seja primordial tendo em vista a amplitude do seu objeto de pesquisa.

Do contrário seu conceito irá abrir tantas ramificações, tais como foram abertas para o conceito de personalidade, que ao final teremos diversas disciplinas que explicarão o mesmo tema sinonimamente. Por exemplo, foi possível perceber na NIMH através da análise de publicações recentes que a CS na esquizofrenia se encaixa em cinco áreas, sendo: Teoria da mente; Percepção social; Conhecimento social; Viés Atributivo e Processamento Emocional. (GREEN ET. AL., 2008).

Lieberman (2007) considera que os processos principais da CS são formados por quatro etapas, a saber: (1) Compreender os outros; (2) Entender a si próprio; (3) Autocontrolar; e (4) Processos que ocorrem na interface de si e dos outros. Seu texto cuidadosamente aponta quais são os processos envolvidos nestes campos e de maneira extremamente clara. Mas, sobretudo, em cada um deles são consideradas duas diferenças principais: (a) processos automáticos vs controlados⁷, e (b) processos focados internamente vs processos externos.

Os processos automáticos correspondem a um sistema instantâneo de CS. As regiões neurais associadas a este sistema, denominado por Lieberman (2007) por X-System, são: “a amígdala, os núcleos da base, o córtex pré-frontal ventromedial (VMPFC), o córtex temporal lateral (LTC) e o córtex cingulado anterior dorsal (dACC)”. Já os processos controlados, estão associados à conscientização, intenção, esforço e capacidade de interrupção. As regiões neurais associadas a este sistema, denominado C-System, são: “o córtex pré-frontal lateral (LPFC), o córtex pré-frontal medial (MPFC), o córtex parietal lateral (LPAC), o córtex parietal médio (MPAC), o lobo temporal medial (MTL) e o córtex cingulado anterior rostral (rACC)”, representados na figura a seguir:

⁷ Podemos compreender o que Lieberman (2007) vem dizer sobre *processos controlados* o mesmo que *processos conscientes*.

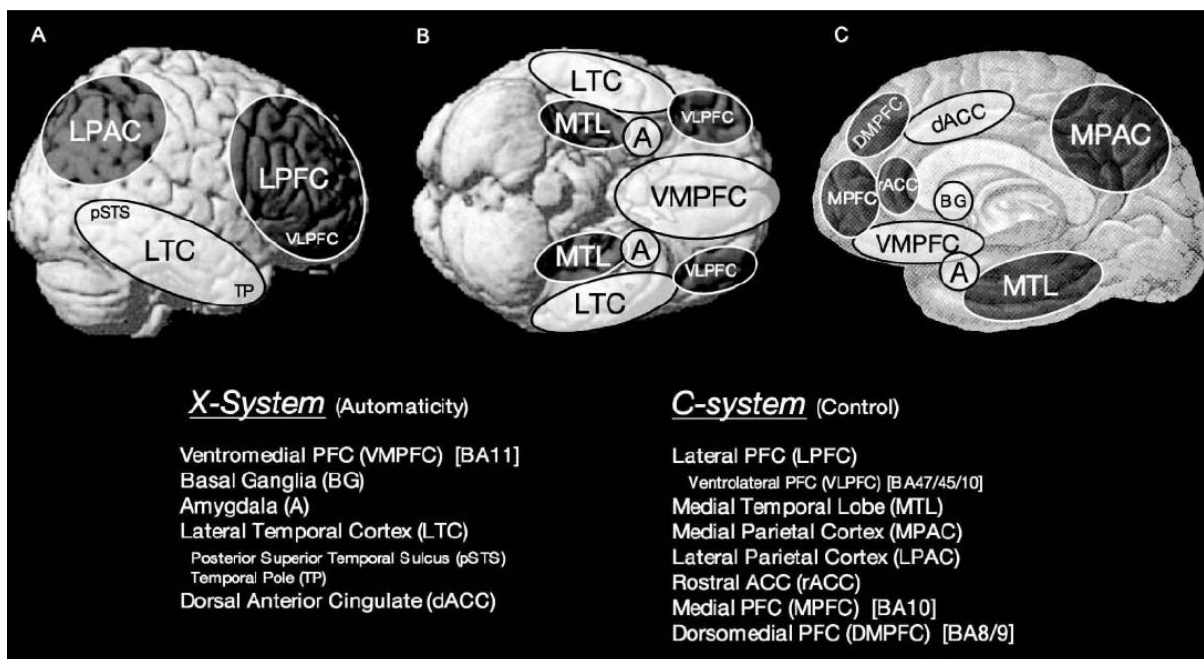


Fig (2) Correlatos neurais hipotetizados do sistema C que suportam a cognição social reflexiva (análogo ao processamento controlado) e o sistema X que suporta a cognição social irreflexiva (análogo ao processamento automático) exibido em um cérebro pelas faces (A) lateral, (B) ventral, e (C) sagital mediana. Nota: os núcleos da base e a amígdala são estruturas subcorticais que são exibidas aqui na superfície cortical para facilitar a apresentação. (Retirado do trabalho de Lieberman, 2007).

Quanto aos processos focados internamente, Lieberman (2007), refere-se aos processos mentais que se concentram no interior mental ou psiquismo. Por exemplo: pensamentos, sentimentos, experiência. Já os processos externos, referem-se a processos mentais que se concentram nas características físicas e visíveis próprias, ou através de modalidades sensoriais que são experimentadas como parte do mundo material.

A identificação da participação destas áreas no córtex e suas conexões são um dos objetos de estudo mais interessantes da CS, em função de estar centrado nos mecanismos cerebrais que levam aos processos de nível cognitivo e que conseqüentemente são exibidos no meio social. Resumidamente, podemos verificar na figura 3 exibida no trabalho de Lieberman (2007) 21 tipos de processos mentais relacionados à cognição social, transcritos em seu artigo e suas localizações no córtex cerebral:

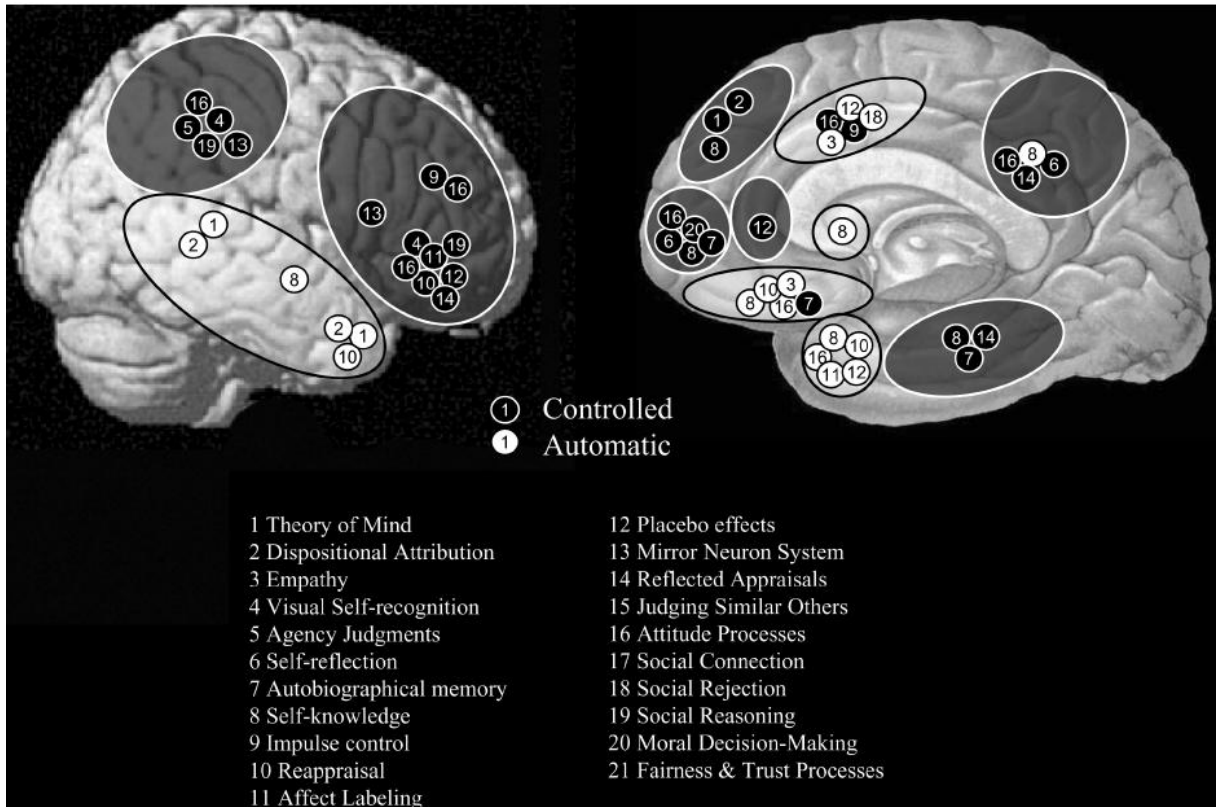


Fig. (3) Correlações neurais de processos automáticos e controlados de múltiplos domínios de cognição social sobrepostos às regiões do sistema X e do sistema C exibidas na Figura 2. Os processos controlados / reflexivos são representados por pequenos círculos com texto branco em um fundo preto. Processos automáticos / irreflexivos são representados por pequenos círculos com texto preto em um fundo branco. Os círculos pequenos são colocados esquematicamente dentro de uma região e não devem indicar uma localização precisa dentro de uma região. (Retirado do trabalho de Lieberman, 2007)

Na figura 4, são demonstradas as localizações funcionais destes 21 tipos de processo mentais ligados à CS, considerando os processos focados internamente versus os processos externos.

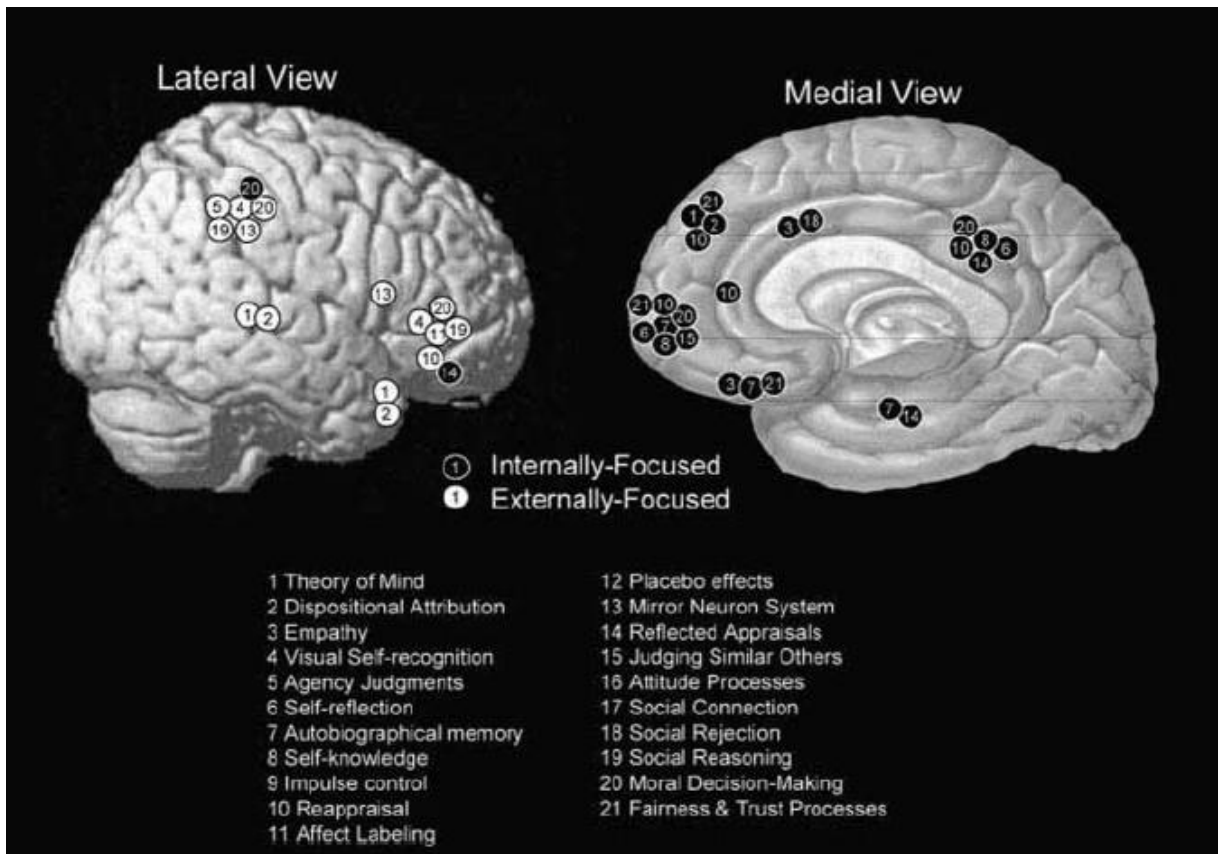


Fig. (4) Correlações neurais de processos focados internamente e externamente de múltiplos domínios da cognição social. Os processos de foco interno são representados por círculos pequenos com texto branco em um fundo preto. Processos de foco externo são representados por pequenos círculos com texto preto em um fundo branco. Os círculos pequenos são colocados esquematicamente dentro de uma região e não devem indicar uma localização precisa dentro de uma região. (Retirado do trabalho de Lieberman, 2007).

Vale lembrar que todos estes processos fazem parte do grupo central dos três grandes domínios da CS, a saber: a Teoria da Mente; Expressões Faciais e Prosódia Emocional; que visam explicar como ocorre a autopercepção e a interação entre o sujeito e o ambiente que convive, utilizando de técnicas avaliativas realizadas, principalmente, por meio de inventários ou estudos com fMRI (Ressonância Magnética Funcional).

A seguir falaremos sucintamente sobre cada um destes domínios e como eles contribuem para o estudo da CS.

3.2.1 - Teoria da Mente:

A Teoria da Mente (ToM), também chamada de atribuição do estado mental, normalmente envolve a capacidade de inferir intenções, disposições e crenças dos outros. (GREEN et. al, 2008). Lieberman, 2007 considera que estas capacidades fazem parte de um dos quatro estágios de compreensão da CS, ao qual ele denominou de: “Entendendo os Outros”. O autor explica que o exame das condições de atribuição do estado mental é permeado por dois aspectos: (1) O conhecimento das normas e regras que medeiam o campo social. (2) Ou, através de um olhar sem esta mediação, como se estivéssemos vendo através dos olhos de outra pessoa, percebendo o mundo através de suas reações viscerais. Nesse aspecto, sentimos que temos uma perspectiva privilegiada sobre o que é ser essa pessoa. (LIEBERMAN, 2007).

Sobre estas duas perspectivas, Lieberman (2007) considera que para representar os conteúdos da mente de outro são necessários mais dois componentes:

(a) o reconhecimento de que, ao contrário de outros objetos do mundo, as pessoas têm mentes com pensamentos e sentimentos e (b) o desenvolvimento de uma teoria sobre como as mentes de outras pessoas operam e respondem a eventos em seu ambiente.

Além disso, em sua pesquisa, foram demonstrados achados com fMRI consistentes que a teoria do desenvolvimento da mente está ligada aos avanços no controle inibitório geral. Tipicamente os estudos de neuro-imagem no campo da teoria da mente mostram ativações no córtex pré-frontal dorsomedial (CPFdm), sulco temporal posterior superior (STSP) no córtex temporal lateral (CTL), e os polos temporais do CTL (Frith & Frith, 2003). Sob estas regiões pesquisadores sugeriram que o STSP é particularmente sensível ao movimento biológico (Alisson et. al, 2000) e que os polos temporais podem estar associados à percepção de indivíduos familiares (Sugiura et al., 2001). Por outro lado, Frith & Frith (2003) sugere que, ao contrário do CTL, que é sensível às pistas visuais externas, o CPFdm está especificamente associado à mentalização sobre os estados mentais dos outros, e Saxe et al. (2004) afirma que a junção temporoparietal no córtex parietal Lateral (LPAC) é diferente do STSP, pois também está envolvida na teoria dos processos mentais.

Metanálises recentes demonstram estudos na área da neurologia que apontam para o fato de certas regiões do cérebro responder quando é solicitado aos indivíduos que reflitam acerca do estado mental do outro, e quando são levados a pensar a cerca do seu próprio estado mental (Samson et. al., 2012). Conforme Correia (2016):

Estas descobertas sugerem a hipótese de existir uma base biológica comum para o processo mais elementar de inferir acerca dos estados internos (Gentili et al., 2009; Oberman & Ramachandran, 2007). Acredita-se que as áreas implicadas na Teoria da Mente tratam-se do córtex anterior paracingulado, o sulco temporal superior e ambos os pólos temporais (Gallagher & Frith, 2003). Existem algumas evidências que comprovam esta hipótese, como o facto de, na presença de ansiedade social, estes circuitos apresentarem défices que se encontram relacionados tanto com a cognição social, como com a avaliação do seu próprio estado mental (Gentili et al., 2009).

Finalmente, (Samson et al., 2005, Vogeley et al., 2001) apontam que tanto a neuroimagem quanto as investigações neuropsicológicas demonstram que o córtex pré-frontal ventrolateral direito (CPFvl), ajuda a inibir a própria experiência durante a consideração do estado de espírito de outra pessoa.

Essas descobertas são consistentes e indicam que a teoria do desenvolvimento da mente está ligada aos avanços no controle inibitório geral (Carlson & Moses 2001). Isto quer dizer que:

“Um fracasso desse processo em adultos possa desempenhar um papel central no realismo *naïve*, pelo qual os indivíduos assumem que outros veem o mundo da mesma forma que eles fazem e têm dificuldade de reconhecer pontos de vista alternativos”. (LIEBERMAN, 2007)

Esta é uma consideração de suma importância no contexto organizacional, na medida em que grande parte dos conflitos existentes no ambiente de trabalho se deve a dificuldade do reconhecimento de que pessoas possuem pontos de vista alternativos, ou pela falsa crença de que quem ouve possui os mesmos pontos de vista de quem diz.

Desde a década de 80, as pesquisas dedicadas a ToM têm se tornado consideravelmente frequentes, sendo ampla a busca pela criação de novos métodos que possam medir as condições de atribuição mental.

De acordo com Hutchins, Prelock e Bouyea (2014), embora as direções de influência sejam difíceis de esclarecer, o fato das teorias de transtornos mentais no transtorno do espectro autista serem relativas aos fatores de prejuízos sociais,

comportamentais e de comunicação fez com que muitos pesquisadores aumentassem suas buscas por medidas de intervenção para apoiar a cognição social e comportamentos mais adequados a esta população.

Desde então, centenas de avaliações foram criadas para amparar, principalmente, os diagnósticos de pessoas com transtornos mentais. Grande parte destes testes foi construída a partir de estratégias e modelos clássicos como o de Sally-Ane, cuja proposta é fundamentada na tarefa de falsa crença, desenvolvido por Wimmer e Perner no ano de 1983 (HUTCHINS, PRELOCK E BOUYEA, 2014). Conforme Sanvincente, et. al (2014), o reconhecimento das expressões faciais e as avaliações acerca de falsas crenças são os dois paradigmas mais estudados dentro da cognição social. E, as avaliações mais utilizadas pela ToM são o *The Hinting Task*, *The ToM Stories* ou *Deception Task* em populações psicóticas ou esquizotípicas. Estas avaliações baseiam-se no modelo clássico que pode ser assim compreendido:

The Hinting Task é outra tarefa de crença falsa composta de 10 esboços curtos ou histórias. Nas histórias, são feitas declarações sobre interações entre alguns dos personagens. No final de cada história, o sujeito é solicitado a inferir as intenções dos personagens. A maioria das histórias incluem ironia, metáforas ou meras palavras ordenadas de maneira não muito direta / clara. Depois de cada história, duas questões são feitas com relação às intenções dos personagens. A aplicação é muito rápida, o que é uma vantagem importante deste instrumento. *The Hinting Task* é geralmente referida como a mais sensível para detectar diferenças no desempenho de pacientes esquizofrênicos versus ao dos controles (SANVINCENTE, ET. AL., 2014)

Uma das dificuldades apontadas por pesquisadores brasileiros refere-se à falta de trabalhos traduzidos para nosso português, neste ponto, a pesquisa de Sanvincente, et. al (2014) visou a validação do *The Hinting Task* para o português brasileiro, e o método utilizado pode ser verificado em sua referência. Relativo a *The ToM Stories*, as atividades também são formuladas com base na tarefa clássica de falsas crenças e inclui questões de raciocínio compreendendo a seis esboços ou histórias. Criado por Frith & Corcoran (1996) e revisado por Moore, et. al. (2006), cada esboço é acompanhado por desenhos animados para garantir que o sujeito receba estímulos verbais e visuais. Vale ressaltar que, cada história tem por objetivo avaliar os aspectos específicos envolvidos nos processos da ToM. (SANVINCENTE, ET. AL, 2014).

Sobre os métodos clássicos relacionados às tarefas de Sally-Ane, Hutchins, Prelock e Bouyea (2014) apontam ser este um tipo de ferramenta valiosa para examinar atribuição de falsas crenças como um aspecto da teoria da mente. Por outro lado, consideram que o uso destas medidas tradicionais está associado a algumas dificuldades, pelo fato de serem frequentemente aplicadas em crianças pequenas ou com transtorno do espectro autista. São elas: o fato de se basearem quase que exclusivamente na avaliação direta do desempenho infantil (nível cognitivo e linguístico), a falta de compreensão da pragmática da situação de avaliação, a falta de familiaridade com as pessoas que administram o teste e a frustração em tarefas difíceis.

Há uma multiplicidade de ferramentas utilizadas no campo da ToM, e seria difícil esgotar as informações contidas em cada uma delas. No entanto, foi possível perceber nas ferramentas esboçadas neste trabalho a utilização de técnicas inferenciais, cujas provas referem-se as diferenças entre duas amostragens ou mais, na construção de seus resultados.

3.2.2 - Processamento Emocional: Expressões faciais e Prosódia Emocional.

O processamento emocional, de acordo com o *workshop* do NIMH (Instituto Nacional de Saúde Mental), “define a inteligência emocional como um conjunto de 4 componentes, incluindo a identificação de emoções, compreensão de emoções e a gestão das emoções” (GREEN, ET. AL., 2008). Neste contexto, são incluídas as avaliações de expressões faciais e a prosódia emocional para validação destes dois grandes domínios da CS.

Mitchell & Kumari (2016) definem resumidamente as expressões faciais como “inferências às pistas de emoção que outras pessoas exibem pela face”. A prosódia emocional como “a manipulação de características da fala: o tom, a duração, a intensidade, a qualidade, enfim”, servindo também como gatilhos de pistas emocionais, em função da hipótese de que ao alterarmos as características da fala, alteramos a emoção que transmitimos.

De acordo com Vieira e Souza (2014), as expressões faciais são aquelas que apresentam maior destaque nas interações sociais não verbais. Pois, “através da

expressão alheia que podemos inferir sobre o estado emocional de uma pessoa, suas intenções e, inclusive, suas reações aos eventos apresentados em nosso ambiente”. Na literatura, são mencionados 6 tipos de expressões faciais consideradas como universais, a saber: alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa e nojo (Vieira e Souza, 2014, *apud* Ekman, 1999). É fato que o reconhecimento destas expressões regula a nossa maneira de responder ao meio social, por isto a fundamental importância de estudo da CS nesta área, pois tende a garantir uma melhor adaptação ao contexto social e, conseqüentemente, qualidade de vida.

O mesmo se pode dizer relativo à Prosódia Emocional, ao qual Vieira e Souza (2014), compreendem que a entonação está incorporada aos aspectos emocionais, na medida em que transmitem pesar ou tristeza, ao passar uma informação com um significado triste, por exemplo. Neste aspecto, o estudo da entonação vai além dos aspectos formais estabelecidos por convenções linguísticas. E, assim como nas expressões faciais, existem estudos que mostram que há uma categoria de expressões básicas na prosódia a saber: gritos, gargalhadas, murmúros, choros, entre outros. (Vieira e Souza, 2014, *apud* Sauter, Eisner, Ekman, & Scott, 2010).

Dentre os diferentes instrumentos mais utilizados para identificar os déficits de interpretação das emoções está o Florida Affect Battery (FAB), por englobar a avaliação tanto de expressões faciais quanto a prosódia emocional. Conforme cita Vieira e Souza (2014):

Ela foi desenvolvida baseada num modelo cognitivo de “léxico afetivo não-verbal”, no qual estruturas cerebrais específicas, primordialmente do hemisfério direito estariam envolvidas em atividades de reconhecimento não-verbal de emoções, compondo um “vocabulário” ou banco de dados, exclusivamente voltado para essa função.

Composta de 11 subtestes, a FAB é muito utilizada como uma ferramenta de diagnóstico para diferenciar dificuldades puramente perceptuais de dificuldades genuinamente afetivas relacionados ao reconhecimento emocional. Suas questões estão totalmente direcionadas a avaliar: “o reconhecimento de identidade facial, de expressões faciais, de prosódia não emocional, de prosódia emocional e a interação entre expressões faciais e prosódia emocional”. (VIEIRA e SOUZA, 2014).

A ampla gama de paradigmas associados à correlação entre atribuição mental e regiões cerebrais varia conforme modalidade de estímulo (verbal ou visual) e as inferências dos estados mentais. Assim, as ferramentas de avaliação normalmente envolvem a apresentação de textos simples ou painéis de desenhos animados descrevendo pessoas interagindo; ou imagens mostrando apenas a região do olho no rosto, para os participantes que devem inferir crenças, intenções ou emoções das pessoas retratadas nessas histórias, *cartoons* ou fotos. (GREEN, HORAN, e LEE, 2015).

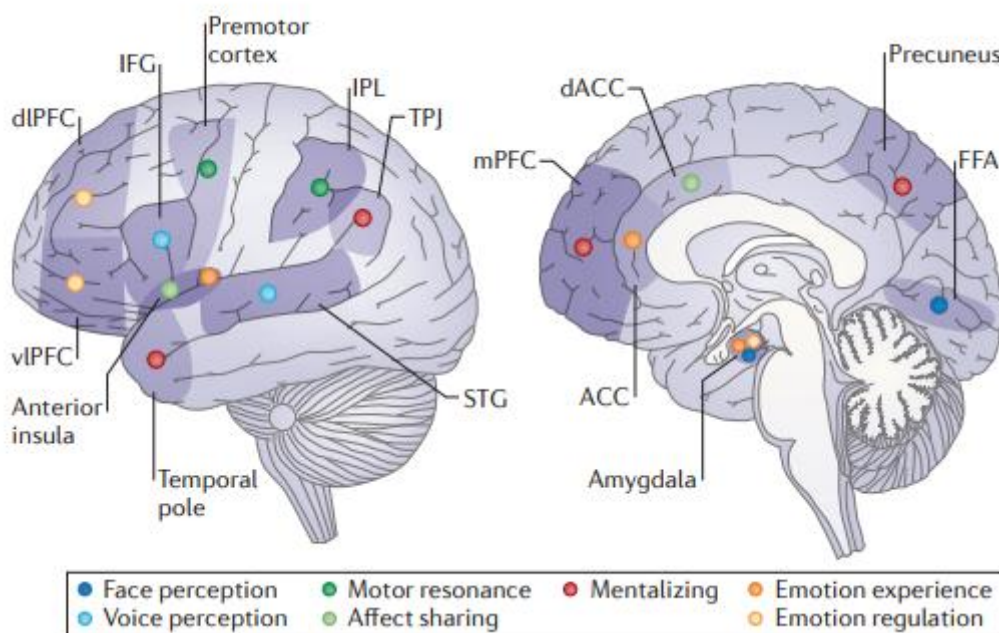
A utilização das técnicas de neuroimagem e os questionários, ainda que possuam suas limitações, tem mostrado analogias entre o processamento cognitivo e a maneira como a pessoa reage no contexto social. Por isto, são instigantes no que tangem os métodos aplicados para descrevê-los, principalmente quando correlacionado a psicopatologias como a esquizofrenia ou outros tipos de transtornos mentais como o autismo.

Apenas a título de conhecimento, julgamos interessante listar os nomes das avaliações mencionadas na literatura revisada, sendo: *ToM Stories*, *The Hinting Tasks*, *Reading the mind in the eyes test*, *Theory of Mind Inventory (TOMI)*, Questionário de atribuições situacionais (IPSAQ), *Social Cognition Psychometric Evaluation (SCOPE)*, *Florida Affect Battery (FAB)* testes atribuídos à avaliação para CS. E, *Wisconsin Card Sorting Test (WCST)*, *MATRICES Consensus Cognitive Battery* (possui 7 baterias para domínios NC e 1 teste de CS), *Need for Cognition*, testes atribuídos a avaliações mais focadas em NC.

Ainda que na literatura revisada tenham sido utilizados testes com foco maior em NC, como demonstramos no esquema sobre o referencial teórico da neurociência sócio cognitiva, o conhecimento sobre as funções executivas e a área social forma a base teórica da CS e, portanto, subentende-se a utilização de alguns destes e NC em pesquisas de CS.

É fato que várias estruturas corticais estão envolvidas no controle das condutas sociais e, sem dúvida, são o ponto de partida para a construção do ser social. De acordo com Green, Horan e Lee (2015), “a ativação de várias regiões cerebrais, incluindo o córtex pré-frontal medial (mPFC) a junção temporoparietal bilateral (TPJ) e o precuneus, foram consistentemente encontradas em várias

tarefas de mentalização⁸ em indivíduos saudáveis”. No entanto, o papel específico que cada região tem nos processos de cognição social ainda não é claro, em função de serem ativadas de maneira dependente da tarefa. Por exemplo: “o sulco temporal superior STS é ativado enquanto assiste-se a formas geométricas animadas e o giro frontal inferior (IFG) está ativo quando os participantes inferem emoções de imagens de olhos”. A figura 5 ilustra didaticamente as regiões cerebrais envolvidas nos processos de cognição social, apontando os locais envolvidos na percepção da face ou da voz. (GREEN, HORAN, e LEE, 2015).



(Fig.5) **Regiões cerebrais associadas aos processos sociais:** A cognição social pode ser dividida em vários processos distintos, que envolvem muitas regiões cerebrais diferentes, alguns dos quais mostram a sobreposição entre os processos. Perceber as pistas sociais inclui a percepção do rosto, que está associada à ativação da amígdala e da área fusiforme (FFA) e a percepção da voz, que ativa o giro temporal superior (STG) e Giro frontal inferior (IFG). O compartilhamento de experiências inclui os processos de ressonância motora, que ativa o lóbulo parietal inferior (IPL) e o córtex pré-motor. Este compartilhamento ativa o córtex cingulado anterior dorsal (dACC) e a ínsula anterior. A mentalização ativa várias regiões, incluindo a junção temporoparietal (TPJ), pólo temporal, precúneo e córtex pré-frontal medial (mPFC). A experiência de emoção ativa a amígdala, o hipocampo anterior (não mostrado), o córtex cingulado anterior (ACC) e a ínsula anterior. A regulação emocional ativa várias regiões do cérebro, incluindo o córtex pré-frontal dorsolateral (dIPFC), ventrolateral (vIPFC) e a amígdala. A associação entre essas regiões cerebrais e seus processos sociais não é totalmente específica; por exemplo, a ínsula anterior está envolvida tanto na partilha de afetos quanto na experiência de emoção, e a amígdala está envolvida na percepção facial, na experiência emocional e na regulação emocional. Note-se que essas regiões são uma lista representativa, mas não abrangente, de regiões cerebrais relevantes para cada processo cognitivo social. (Retirado do trabalho de Green, Horan e Lee (2015)).

⁸ Representação mental atribuída aos estados mentais intencionais (por exemplo, necessidades, desejos, sentimentos, crenças, metas, propósitos e razões). É um termo muitas vezes utilizado como sinônimo de ToM.

Segundo Butman e Allegri (2001), o córtex somatossensorial e a ínsula contribuem na interpretação de signos emocionais relevantes, atribuindo-nos a habilidade de detectar o que outra pessoa sente pela capacidade de poder reproduzir em nosso próprio organismo um estado emocional similar. Assim:

Se quisermos investigar a capacidade de um indivíduo de interpretar a expressão emocional de uma face, uma das maneiras possíveis é reproduzir a expressão da face no próprio organismo (através do córtex somatossensorial direito e da ínsula) e detectar o sentimento que desencadeia. (BUTMAN e ALLEGRI, 2001).

Estas traduções do ambiente realizadas pelos mecanismos cerebrais contribuem para o campo de estudo da CS. E, por conseguinte tornam-se substratos para aplicação de métodos que utilizam de neuroimagem funcional, e/ou por respostas a questionários/ inventários que visam compreender como o cérebro interpreta os signos sociais.

4. METODOLOGIA

Nossa pesquisa utilizou como ponto de partida a base de dados do Conselho Federal de Psicologia (CFP) para identificar quais são as ferramentas da personalidade utilizadas pelos psicólogos no meio corporativo. Hoje são cadastrados no Sistema de Avaliação Psicológica do CFP, 301 testes. Destes, 37 com foco em avaliação da personalidade para adultos no contexto organizacional. Entretanto, apenas 24 foram aprovados e validados para utilização, é sob eles que nossa pesquisa se restringiu para delimitação do tema personalidade. Cabe ressaltar que 3 testes foram eliminados por não termos conseguido nenhum acesso aos seus dados.

Paralelamente, buscamos delimitar o arcabouço teórico acerca da cognição social e suas vertentes. Utilizamos apenas artigos revisados por pares, nas bases de dados: MedLine/Pubmed, PsycInfo (APA), PsycArticles (APA), Sage Journals Online, Science Direct (Elsievier), SCOPUS (Elsievier) e Annual Reviews com as seguintes palavras-chaves: "*social cognition*" and "*personality*" and "*neuroscience*", aos quais foram retornados 57 artigos. Destes, consideramos apenas os trabalhos

que obedeceram a um ou mais dos seguintes critérios: 1- Realizaram correlações com os conceitos abordados pelas avaliações psicológicas da personalidade. 2- Esclareceram os conceitos da cognição social considerando suas funcionalidades no córtex cerebral e as diferenças entre: neurocognição e neurociência sócio cognitiva, por meio dos padrões estabelecidos do NIMH (Instituto Nacional de Saúde Mental). 3- Abordaram sobre os métodos utilizados pelos domínios da cognição social: teoria da mente, expressões faciais e prosódia emocional.

Do resultado de 57 artigos, 40 foram excluídos por apresentarem aplicabilidade técnica muito restrita ao campo da saúde mental ou por não fazerem inferência aos padrões estabelecidos pela NIMH. Apenas 17 artigos corresponderam aos critérios mencionados acima.

Pelo critério 1 foram identificados apenas 4 artigos que fizeram correlações com as teorias do modelo de Eysenck, que se referem aos Três Grandes Fatores (TGF) da personalidade e que foi base para construção do *Big Five Model* (CGF). Cabe ressaltar que estas pesquisas utilizaram como base metodológica ferramentas de neuroimagem funcional para demonstrar anatomicamente as funções cerebrais envolvidas no comportamento de indivíduos extrovertidos/ introvertidos, conscienciosos e com abertura a experiência.

Por fim, não foram identificados outros textos que pudessem inferir sobre conceitos de personalidade utilizados nas avaliações psicológicas. Sobre este aspecto ampliamos nossa busca, nas mesmas bases acima, considerando os termos: “*Social Cognition*” e o nome de cada uma das 24 avaliações da personalidade aprovadas pelo CFP, aos quais não nos retornou nenhum trabalho.

Uma nova estratégia foi estabelecida considerando a busca das palavras-chave: “*Social Cognition*” and “*Human Resource*” – “*Social Cognition*” and “*Recruitment and Selection*” – “*Social Cognition*” and “*Corporate Management*” – “*Social Cognition*” and “*Corporate World*”, acrescentando mais três bases de dados: Jstor, Google Academic e Scielo. Foram localizados 5 textos que fizeram inferência sobre Cognição Social aplicada ao subsistema de treinamento e desenvolvimento de pessoas (T&D) no RH. Não foram localizados estudos que fizessem correlação com avaliações psicológicas da personalidade ou recrutamento e seleção.

Por fim, realizamos uma última tentativa considerando os termos: “*Social Cognition*” and “*Organizational Behavior*” and “*Personality*”, foram localizados 41 textos acrescentando as bases de dados: *GALE*, *Web of Science*, *DOAJ*, *ASSIA*, *CrossRef*, *Proquest* e *JSTOR*. Porém, em nenhum deles foi encontrado artigos que mencionassem a utilização de avaliações da personalidade com enfoque organizacional em suas pesquisas que estivessem aprovadas pelo CPF.

No item (2) foram identificados 3 textos que puderam esclarecer integralmente as diferenças entre os temas neurocognição e a cognição social, considerando uma abordagem conceitual genérica com enfoque no córtex cerebral.

O item (3) foi delimitado ponderando apenas artigos que abordassem sobre os métodos utilizados nos domínios da cognição social que: (a) estivessem de acordo com os critérios estabelecidos pela NIMH, (b) sejam passíveis de utilização no contexto social brasileiro. Deste modo, foram identificados 9 artigos que obedeciam a estes subcritérios.

De modo geral, não achamos textos que fizessem correlações diretas entre CS e as avaliações psicológicas da personalidade aplicadas ao contexto organizacional. Assim, pretendemos demonstrar no campo da discussão os pontos de intercessão conceitual em ambas as vertentes, com objetivo de nortear futuros projetos que visem responder se os testes utilizados para medir a cognição social podem ser utilizados no ambiente corporativo ou se eles possuem confluência com os testes de personalidade aplicados a este contexto.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos o conceito de extroversão dos CGF, com os conceitos de extroversão e introversão apontados por Jung, notamos forte similaridade no entendimento sobre este fator. Assim, podemos considerar que as intercessões realizadas nos textos da CS sobre os CGF de personalidade, relativos a extroversão, também podem ser utilizadas para embasar os testes EAT, MBTI e QUATI. O mesmo podemos dizer sobre o conceito de extratensão e intratensão expostos no PMK, que também concordam em termos conceituais do fator extroversão nos CGF.

Das quatro publicações que realizaram as correlações entre o tema CS e avaliações psicológicas da personalidade, todas estavam relacionadas aos testes cujas bases teóricas referem-se aos CFG de personalidade. No quadro a seguir vamos demonstrar o que cada um destes trabalhos se propôs realizar, e quais foram os resultados obtidos por eles:

(Tab.2) Quadro de artigos que correlacionam a Cognição Social e os traços de personalidade do *Big Five Model*

AUTOR	AMOSTRA	OBJETIVOS	FERRAMENTAS UTILIZADAS	RESULTADOS
Mitchell (2013)	No artigo não foi citado pelo autor o número de publicações revisadas nos últimos 15 anos (período de 2000 à 2015). Consta nas referências bibliográficas 108 publicações compreendidas neste período.	Analisar evidências de neuroimagem, reunidas principalmente nos últimos 15 anos, examinando a associação entre extraversão e neuroticismo, e, padrões de ativação/ conectividade cerebral, induzidos por ampla gama de tarefas cognitivas e afetivas, gerados nos contexto do modelo dos três fatores de Eysenck, e o modelo de CGF de Costa e McCrea.	Publicações dos últimos 15 anos, que utilizaram ferramentas de fMRI, ressonância magnética estrutural e imagiologia de difusão (DTI)	Há uma forte relação entre as redes neurais de processamento emocional na exposição de pistas de emoção negativa para o neuroticismo. Já para a extroversão, houve uma resposta melhor para as pistas de emoção positiva. Estas regiões incluem algumas zonas corticais implicadas na regulação emocional, depressão e ansiedade, além da grande parte das regiões subcorticais/límbicas.
Li, Wenfu et al. (2014),	246 estudantes da universidade de Pequim. Sendo: 112 homens com idade entre 18-25 anos. E, 134 mulheres com idade entre 19-24 anos.	Identificar as regiões cerebrais subjacentes às diferenças individuais dos traços de criatividade medidos pelo CAP, e quais as contribuições dos conceitos de abertura à experiência, extroversão e conscienciosidade dos CGF, para formação da criatividade como característica de um indivíduo.	Morfometria baseada em voxel (VBM); e os testes: - Teste de aptidão de criatividade (CAP) Williams – módulo sentimentos divergentes; - NEO-PI-R; - RAVEN	Os resultados comportamentais mostram que pontuação total de CAP estava relacionada a três domínios da personalidade: abertura a experiência, conscienciosidade e extroversão. Os resultados de VBM mostraram que o rGMV da direita pMTG/ ITG (BA21)* estava correlacionado positivamente com a criatividade do traço individual, ao passo que o rGMV do PCG/ pMFG direito (BA6)* e OFC lateral esquerdo (BA47)* estavam inversamente correlacionados com a criatividade do traço individual. Além disso, foi descoberto que a abertura à experiência (NEO-PI-R) foi parcialmente mediada pela relação entre o rGMV do direito pMTG e a criatividade dos traços.

(Tab.2) Quadro de artigos que correlacionam a Cognição Social e os traços de personalidade do *Big Five Model*

AUTOR	AMOSTRA	OBJETIVOS	FERRAMENTAS UTILIZADAS	RESULTADOS
Kohe, et. al (2012),	23 mulheres jovens saudáveis, com idade entre 19 e 29 anos.	Testar se o nível de oxigenação do sangue variou conforme a personalidade entre os participantes. O objetivo seria comprovar a teoria biológica dos 3 grandes fatores de personalidade proposto por Eysenck, que liga a alta extroversão aos níveis baixos de ativação reticulotalâmica – excitação cortical, e a neurose a um aumento da reatividade do sistema límbico bem como a reações mais fortes para o despertar emocional.	Método de ressonância magnética funcional (fMRI), e aplicação do questionário de personalidade Eysenck (EPQ-R) escala reduzida. Um auto-relatório que mede os níveis de extroversão, neuroticismo e psicoticismo. Também foi utilizado como estímulo 98 imagens do International Affective Picture System (IAPS) e 92 imagens recolhidas pelo experimentador de várias fontes.	Os resultados oferecem uma perspectiva única sobre como extroversão e neuroticismo interagem com a representação neural de excitação emocional e valência, dois componentes críticos de processamento emocional. Foram identificadas novas, e várias relações entre personalidade e o processamento emocional, notavelmente sustentada redução de ativação no OFC, e atenuado processamento de valência associada com altos níveis de neurose.
Grimm, et. al (2011),	29 indivíduos saudáveis com idade média entre (32,3 +/- 13,3 anos) Aprovado pelo comitê da Universidade de medicina de Berlim (Alemanha).	Compreender como a baixa extroversão tem sido associada a maior vulnerabilidade dos distúrbios afetivos e de ansiedade considerando imagens cerebrais associadas ao córtex pré-frontal dorsolateral (CPFdl) e as neurotransmissões glutamatérgicas.	Entrevista individual estruturada para validação do estado mental, utilizando do questionário (Mini-International Neuropsychiatric Interview) e realizado por um psiquiatra. Os indivíduos foram submetidos a espectroscopia de ressonância magnética, inventário NEO de cinco fatores (NEO-FFI, versão alemã, Costa e McCrae, 1989 ; Borkenau e Ostendorf, 2008) e o Inventário de Ansiedade do Estado (STAI, Laux et al., 1981).	O estudo indica o aumento dos níveis de glutamato no CPFdl de introvertidos em comparação com extravertidos. A concentração aumentada de glutamato foi específica para o CPFdl e negativamente associado ao estado de ansiedade. A hipótese de alteração no controle <i>Top-Down</i> do CPFdl devido à redução da concentração de glutamato como função de extroversão, deve ser testada em estudos adicionais em indivíduos saudáveis, bem como em distúrbios psiquiátricos marcados pelo comportamento de abordagem reduzida.

*(BA21) rGMV (Volume Regional de Matéria Cinzenta); pMTG (Giro temporal médio posterior) /ITG (Giro Temporal Inferior). (BA6) PCG (Giro Pre Central); pMFG (Giro Frontal Médio Posterior). (BA47) Córtex Orbitofrontal.

Os dados levantados nestas pesquisas facilitou compreendermos anatomicamente onde determinados *inputs* cerebrais ocorrem e como eles esboçam certos traços de personalidade. Do ponto de vista prático, podemos considerar que eles servem de contribuição para justificar determinados tipos de comportamento, principalmente se existem déficits cognitivos ou lesões cerebrais. Outra grande contribuição dos testes de neuroimagem é que eliminaria o problema de deseabilidade social que pode ocorrer em testes do tipo inventário.

Por outro lado, ainda que estes quatro artigos apresentem uma correlação direta entre os temas CS e as avaliações da personalidade citadas neste trabalho, eles não utilizam em seus métodos testes que avaliem algum dos três domínios da CS, a saber: ToM, Expressões Faciais ou Prosódia Emocional, bem como não citam nenhuma das especificações apoiadas pelo NIMH. Deste modo, estes trabalhos estão em desalinho com o item (3) expresso em nossa metodologia, atendendo parcialmente nossa proposta.

Contudo, a fim de aprofundarmos nossa busca, avaliamos a bibliografia contida nos quatro artigos, ao qual nos cabe apresentar a proposta de outros três trabalhos a saber:

(Tab.3) Quadro de artigos citados em referências bibliográficas que estão de acordo com nossa metodologia.

AUTOR	AMOSTRA	OBJETIVOS	FERRAMENTAS UTILIZADAS	RESULTADOS
Perlman, et. al. (2009)	33 pessoas, sendo 20 mulheres e 13 homens, com idades entre 18-35 e média de idade igual a 22,35 anos. 3 participantes ficaram de fora devido a má calibração de um dos equipamentos.	Ampliar o estudo de que traços de personalidade específicos predispõem aos indivíduos a procurar e processar informações que sejam congruentes com estas características. E, lança-se a confirmação dos dados de que pessoas com alto neuroticismo tendem ser mais sensíveis a emoções negativas.	Fotografias de 6 indivíduos (3 homens e 3 mulheres) foram mostradas em ordem aleatória retratando medo, alegria e tristeza em tela LCD de 17". Os participantes foram sentados a 60 cm de distância do computador e orientados para ver livremente as imagens. Para esta tarefa foi utilizado o aparelho de rastreamento ocular Eye-Tracking System. Antes deste procedimento foi aplicado o inventário de personalidade Neo Five Factor Inventory.	Em particular, as análises de correlação indicaram que os escores de neuroticismo correlacionaram-se significativamente com a duração da fixação nos olhos por medo ($r=0,60$; $p < 0,01$); feliz ($r=0,37$; $p < 0,05$) e tristes ($r=0,41$; $p < 0,05$). É importante notar no entanto que apenas a correlação entre rostos temerosos permaneceram significativos, acima de todas as outras correlações envolvendo outros traços, emoções e AOI (A área de interesse) após um ajuste de Bonferroni para comparações múltiplas (105 comparações, 5 traços de personalidade, 67 emoções e 63 regiões faciais). Uma descoberta paralela ocorreu sob um fator comum entre conscienciosidade e neuroticismo, ambos traços de personalidade exibem alto nível de atenção aos detalhes emocionais e à ansiedade por consequências negativas.
Saggar, et. al. (2017)	20 jovens saudáveis, sendo 10 mulheres e 10 homens, com idades entre 16,9 e 25,7 anos e média de idade igual a 21,41 anos.	Investigar como as diferenças nos traços de personalidade afetam o processamento de gestos dinâmicos e naturais contendo a intenção social <i>versus</i> não-social. A hipótese é de que, ao processar gestos com extraversão de intenção	Aplicação do NEO-Personality Five Factor Inventory (NEO-FFI). Utilização da tarefa Dinâmica de Gestos Sociais (DGS), projetada para investigar as redes neurais associadas ao processamento de gestos naturalistas e dinâmicos com intenção social <i>versus</i> não-social, com fatores adicionais para orientação de ator e	Encontramos uma correlação positiva entre a atividade talâmica bilateral e os escores de extraversão durante o processamento de gestos sociais <i>versus</i> não sociais. Para o neuroticismo, os dados de ativação do cérebro revelaram um padrão mais complexo. Aqui, a atividade no "cérebro emocional" (que compreende o Operculum Frontal e a Ínsula, estendendo-se ainda

(Tab.3) Quadro de artigos citados em referências bibliográficas que estão de acordo com nossa metodologia.

AUTOR	AMOSTRA	OBJETIVOS	FERRAMENTAS UTILIZADAS	RESULTADOS
Continuação Saggar, et. al. (2017)		social, estaria associado a uma maior atividade no sistema de excitação reticulotalâmico-cortical (RTCS), enquanto que o neuroticismo seria associado ao aumento da atividade nos circuitos de processamento emocional.	visibilidade do rosto. Basicamente, a tarefa DSG compreendeu um conjunto de cliques de vídeo a cores curtos (2s) de atores ao vivo, ou realizando um gesto social (“onda amigável”, “acenando”, “atenção conjunta” ou “imploração”) ou gesto não social (“esfregando a mão na mesa”, “alcançando uma xícara”, “escovando a mesa”, “olhando para um livro” e “olhando para armas”), com montante total e direção de movimento comparáveis e apropriados a valência. Além disso, os participantes foram escaneados em uma ressonância magnética 3Tesla (GE Signa scanner, Milwaukee, WI).	mais para o putâmen bilateral e a amígdala direita) foi moderada em função da orientação do ator (em direção ao afastamento dos participantes) e da visibilidade do rosto (atores visíveis <i>versus</i> desfocados). Por fim, foi possível identificar que os escores de extraversão mais altos estavam associados a uma ativação mais forte do tálamo, uma região cerebral pertencente ao sistema de excitação reticulotalâmico-cortical, durante o processamento de gestos sociais <i>versus</i> não-sociais. As pontuações mais elevadas de neuroticismo foram associadas ao aumento da mudança de sinal BOLD predominantemente no “cérebro emocional”, enquanto os participantes percebem que os gestos foram realizados longe (frente a) com uma face visível <i>versus</i> desfocada.
Klamer, et. al. (2017)	68 voluntários saudáveis (46 mulheres, 22 homens, idade média: 26,0 ± 4,9 anos, faixa etária: 18-36 anos.	Identificar se a atividade de áreas que suportam o processamento de informações faciais dinâmicas, ou seja, as áreas corticais adjacentes ao pSTS (sulco temporal superior posterior), está correlacionada com o neuroticismo. Estudos eletrofisiológicos usando	Clipes de vídeo curtos (duração média: 1384 ms ± 264 ms) representando os rostos de atores profissionais (5 homens, 5 mulheres) falando frases alemãs que consistem em quatro palavras (por exemplo, tradução "Ich fühle mich ruhig": "Eu sinto a calma") em um tom de voz alegre, neutro ou irritado com uma expressão facial correspondente foi usado	Em nosso estudo, investigamos o impacto do neuroticismo no processamento de estímulos faciais emocionais dinâmicos. De acordo com o modelo facial de Haxby e colegas (Haxby, Hofman, & Gobbini, 2000), as áreas bilaterais de MTG adjacentes ao pSTS responderam mais fortes do que às expressões faciais dinâmicas neutras. A capacidade de resposta aumentada às emoções demonstradas de forma exposta correlacionou-se

(Tab.3) Quadro de artigos citados em referências bibliográficas que estão de acordo com nossa metodologia.

AUTOR	AMOSTRA	OBJETIVOS	FERRAMENTAS UTILIZADAS	RESULTADOS
Continuação Klamer, et. al. (2017)		eletroencefalografia ou agnetencefalografia, bem como estudos de neuroimagem apontam para diferenças de gênero no processamento facial.	como material de estímulo em um design relacionado ao evento (para uma descrição detalhada dos estímulos). Todos os participantes foram examinados em um scanner 3 Tesla PRISMA (Siemens, Erlangen, Alemanha) usando uma bobina de cabeça de 20 canais. Além disso, preencheram o NEO-Personality Five Factor Inventory (NEO-FFI).	significativamente com os escores de neuroticismo sugerindo esta área como estrutura-chave subjacente ao aumento da percepção de afetar em indivíduos neuróticos.

De acordo com as pesquisas expostas na tab.2, não houve métodos que nos permitisse afirmar a utilização da CS como uma base teórica para construção de uma ferramenta de avaliação da personalidade, ainda que teoricamente haja todos os indícios para isto. Por outro lado, na tab.3 identificamos correlações entre os traços de personalidade: neuroticismo e extraversão com o domínio das expressões faciais para CS. Sinalizando-nos que formas de comportamento podem ser apresentadas em função da percepção e interpretação do ambiente pelos indivíduos. Sobretudo, nos cabe citar a limitação no número da amostra contido nas duas primeiras pesquisas.

Extra aos resultados apresentados nos artigos localizados, consideramos prudente demonstrar, na tabela a seguir, as congruências e diferenças entre o campo teórico da personalidade e da CS, analisados a partir da concepção descrita sobre estes dois pontos no tópico de desenvolvimento:

Diferenças entre as abordagens teóricas da CS e da Personalidade	
Teoria da CS	Teorias da Personalidade
Foco na percepção e interpretação do ambiente interno e externo.	Foco na apresentação do estilo de comportamento e na subjetividade.
Utiliza-se de métodos inferenciais para explicar intenções e estilos de comportamento.	Utiliza-se de técnicas projetivas, tipológicas ou fatoriais para explicar a formação dos traços de personalidade.
Foco em aspectos biopsicosociais.	Foco em aspectos psíquicos e/ou biopsicosociais, dependendo da corrente teórica.
Fundamenta-se pela interação da cognição incluindo as emoções, para explicar as formas de pensar e agir no ambiente social.	Fundamenta-se na teoria do inconsciente (pessoal, grupal ou familiar) ou pela interação entre inconsciente e ambiente externo ou pela modulação do comportamento influenciado pela aprendizagem.

(Tab.4) Análise demonstrativa do arcabouço teórico referente à Cognição Social e personalidade.

Sob a mesma perspectiva, julgamos prudente apresentar na revisão teórica sobre os conceitos de CS e personalidade as similaridades encontradas na execução das tarefas aplicadas em seus testes, conforme demonstrados no quadro a seguir:

Semelhanças entre as tarefas contidas nos testes de CS vs testes de personalidade	
Tarefas dos testes de CS	Tarefa similar no teste de personalidade
Apresentações de histórias simples ou painéis de desenho animado descrevendo pessoas interagindo.	O T.A.T. consiste em apresentar uma série de pranchas, selecionadas pelo examinador, ao qual o sujeito deverá contar uma história sobre cada uma das pranchas. Estas referem-se a uma série de situações sociais típicas que possibilitam a expressão de sentimentos, imagens, ideias e lembranças vividas em cada uma destas confrontações. Esse procedimento, nas situações apresentadas, favorece a projeção do mundo interno do sujeito.
Imagens mostrando apenas a região do olho do rosto, solicitando aos participantes inferirem as crenças, intenções ou emoções das pessoas retratadas nestas histórias.	No Zulliger são demonstradas lâminas com manchas em preto e branco, ao qual o sujeito deve dizer o que percebe de pontos específicos dentro da lâmina, e o que este ponto lhe remete. (VAZ, 2002). Normalmente são inferidas emoções.
<i>Cartoons</i> ou fotos	Através do preenchimento com quadriculos coloridos em três pranchas contendo a figura de uma pirâmide, o sujeito representa uma imagem normalmente abstrata. Depois ele

	deverá contar porque escolheu aquelas cores e o que tentou representar com a figura que criou. (VILLERMOR-AMARAL, 2012).
--	--

(Tab.5) Na coluna à esquerda estão demonstradas as tarefas que frequentemente são utilizadas nos testes de aplicação para avaliação da cognição social (GREEN, HORAN, e LEE, 2015). Na coluna à direita estão demonstrados os testes de personalidade aplicados em organizações, que utilizam de tarefas similares em sua avaliação.

De modo geral, percebemos nas publicações revisadas relativas à cognição social e as avaliações psicológicas da personalidade, apontadas neste trabalho, que o principal elo entre estas teorias perpassa sobre o ato de sentir - perceber pensar/emocionar - agir, ou especificamente, sobre as vias aferentes sensoriais-processamento cognitivo/emocional - vias motoras que ao se tornarem relativamente estáveis transformam-se em comportamentos intrínsecos do sujeito. Deste modo, podemos dizer que a repetição deste “circuito” ao longo da vida permite formar uma conduta automática/ implícita, que também pode ser considerada como um “traço” da personalidade.

5. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS

Os resultados demonstram que ainda não foram realizados trabalhos que pudessem inferir a cognição social como uma medida para avaliar a personalidade. O tema vem sendo largamente estudado, e possui maior foco no contexto da saúde mental. Há ainda uma grande preocupação quanto a similaridade entre os campos de estudo, principalmente no que tange a ToM e as expressões faciais.

Percebe-se, no entanto, a possibilidade de criar métodos de pesquisa que possam utilizar da cognição social para prever o comportamento e consecutivamente demonstrar traços de personalidade. O maior ganho para as organizações, neste aspecto, será utilizar de uma ferramenta que seja criada no contexto brasileiro, aprovada pelos órgãos competentes e minimize os riscos de deseabilidade social, principalmente, nos testes do tipo questionário e inventários.

Por fim, as interseções teóricas e técnicas contidas entre os testes de personalidade e CS, nos permitem inferir a possibilidade de criar novos métodos de

avaliação com enfoque organizacional que sejam apoiados pela teoria e pelas tarefas utilizadas no estudo da CS. Ainda que não tenhamos encontrado um estudo estatístico robusto sobre esta compatibilidade de métodos, as perspectivas teóricas abrem espaço para pesquisas com este enfoque.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Irai Cristina Boccato Alves; ESTEVES, Cristiano (co-autor): **O teste palográfico na avaliação da personalidade.** – 1ª Ed. – São Paulo: Vetor Editora. 199 p.

ALLISON T, PUCE A, MCCARTHY G. 2000. **Social perception from visual cues: role of the STS region.** *Trends Cogn. Sci.* 4:267Cog

BEAR, M. F., CANNORS, B. W. & PARADISO, M. A. (2008). **Neurociências: desvendando o sistema nervoso.** Porto Alegre: Artmed.

BROSH, Tobias, SCHILLER, Daniela, MOJDEHBAKHSH, Rachel, ULEMAN, James S., PHELPS, Elizabeth A. - **Neural mechanisms underlying the integration of situational information into attribution outcomes.** - SCAN (2013) 8, 640^646. doi:10.1093/scan/nst019. Acessado em: 20/08/2017.

BULL, N. (1962), **The body and its mind.** New York: Las Americas Publishing. p. 89-90.

BUTMAN, Judith; ALLEGRI, Ricardo F.. A Cognição Social e o Córtex Cerebral. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 14, n. 2, p. 275-279, 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000200003>

CAPEL, Roland; Oswald, Rezo. **Um modelo de avaliação da personalidade de porte universal: o L.A.B.E.L-** Arquivo eletrônico – www.moytica.com.br/pdfs/ummodelodeavaliacaodepersonalidadedeporteuniversal.pdf. Acessado em: 15/08/2017.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CORREIA, Patrícia Isabel Paulino. **A Teoria da Mente em Indivíduos Socialmente Ansiosos e Não-ansiosos: Avaliação da dimensão sócio-perceptiva.** Universidade do Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2016.

COUTO, Gleiber; BARTHOLOMEU, Daniel; MONTIEL, José Maria. **Estrutura interna do Myers Briggs Type Indicator (MBTI): evidência de validade.** Artigo. DOI: 10.15689/ap.2016.1501.05 – Revista: *Avaliação psicológica*, 2016.15(1); pp.41-48. Acessado em: 15/04/2017.

CRONBACH, L. J. **Testagem Psicológica.** 5ª Edição, Porto Alegre: Artmed, 1996.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** – 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008. 440 p.

FRITH U, FRITH CD. 2003. **Development and neurophysiology of mentalizing.** *Philos. Trans. R.Soc. Lond. B Biol. Sci.* 358:459cin

GARRIDO, Margarida Vaz; AZEVEDO, Catarina e PALMA, Tomás. **Cognição social: Fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras.** *Psicologia* [online]. 2011, vol.25, n.1, pp.113-157. ISSN 0874-2049. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492011000100006 . Acesso em: 28 ago 2016.

GREEN, Michael F., HORAN, William P., LEE, Junghee. **Social Cognition in Schizophrenia.** Vol. 16, Reviews: Outubro/2016. Acessado em: 25/08/2017.

GRIM, S., SCHUBERT, F., JAEDKE, M., GALLINAT, J., BAJBOUJ, M. **Prefrontal cortex glutamate and extraversion.** *Soc Cogn Affect Neurosci.* 2012 Oct;7(7):811-8. doi: 10.1093/scan/nsr056. Epub 2011 Oct 20.

GOLDEBERG, L.R. (1982) – **From ace to zombie: Some explorations in the language of personality.** In: C. D. Spielberger & J. N. Butcher (Ed.); *Advances in personality assessment* (pp. 203-234). Hillsdale, NJ: Laurence Erlbaum.

HAMMER, E. F. (1991). **Aspectos expressivos dos desenhos projetivos.** In: E. F. Hammer, *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos* (pp. 42-60). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1958).

Haxby, J. V., Hofman, E. A. & Gobbini, M. I. **The distributed human neural system for face perception.** *Trends in cognitive sciences* 4, 223–233 (2000)

HUTCHINS, Tiffany.PRELOCK, Patricia A., Bouyea, Laura Bonazinga. **Technical Manual for the Theory of Mind Inventory & Theory of Mind Task Battery.** ToMI. Revisado em 03/03/2015. Arquivo eletrônico retirado de: <http://www.theoryofmindinventory.com/wp-content/uploads/2014/06/Technical-Manual-for-the-Theory-of-Mind-Inventory-and-Theory-of-Mind-Task-Battery.pdf>

KEHOE, Elizabeth G., TOOMEY, John M., BALSTER, Joshua H., BOKDE, Arun L. W. - **Personality modulates the effects of emotional arousal and valence on brain activation.** - *SCAN* (2012) 7, 858-870. doi:10.1093/scan/nsr059. Acessado em 20/08/2017.

KLAMER Silke, SCHWARZ Lena, KRÜGER Oliver, KOCH Katharina, ERB Michael, SCHEFER Klaus & ETHOFER Thomas.(2017) **Association between Neuroticism and Emotional Face Processing.** *Scientific Reports* | 7: 17669 | DOI:10.1038/s41598-017-17706-2.

LIEBERMAN, MATTHEW D. **Social Cognitive Neuroscience: A Review of Core Processes.** *Annu. Rev. Psychol.* 2007.58:259-289. Downloaded from: www.annualreviews.org. Acessado em 16/10/2017.

LI, Wenfu , LI, Xueting, HUANG, Lijie, KONG, Xiangzhen, YANG, Wenjing, WEI, Dongtao Wei, LI, Jingguang, CHENG, Hongsheng, ZHANG, Qinglin. QIU, Jiang.

LIU, Jia. **Brain structure links trait creativity to openness to experience**. SCAN (2015) 10,191-198. doi:10.1093/scan/nsu041

MAGILL, R.A. (2000). **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blücher.

METHA, Urvakhsh Meherwan, THIRTHALLI, Jagadisha, SUBBAKRISHNA, D.K., GANGADHAR, Bangalore N., EACK, Shaun M., KESHAVA, Matcheri S. **Brain structure links trait creativity to openness to experience**. SCAN (2015) 10,191-198. doi:10.1093/scan/nsu041. Acessado em: 25/08/2017.

MIRA, Alice Madeleine Galland de. **PMK – Psicodiagnóstico Miocinético**. 5 ed. São Paulo: Vetor, 2014.

MITCHELL, Rachel L.C., KUMARI, Veena. - **Hans Eysenck's interface between the brain and personality: Modern evidence on the cognitive neuroscience of personality**. - Personality and Individual Differences 103 (2016) 74–81. Journal homepage: www.elsevier.com/locate/paid. Acessado em: 25/08/2017.

NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva, HUTZ, Cláudio Simon, NUNES, Maiana Farias Oliveira. **Bateria Fatorial de Personalidade – BFP**. 2.ed. – São Paulo/ SP. Casa do Psicólogo, 2013. 240p. ISBN: 978-85-8040-412-8

PASQUALI, Luiz. **Inventário Fatorial de Personalidade: manual técnico e de avaliação**./ Luiz Pasquali Maria Mazzarello Azevedo, Ivânia Ghesti. São Paulo/SP: Casa do Psicólogo, 1997.

PERLMAN, SB. MORRIS, JP. VANDER WYK, BC. GREEN, SR. DOYLE, JL, et. al. (2009). **Individual Differences in Personality Predict How People Look at Faces**. PLoS One 4(6): e5952. Doi: 10.1371/journal.pone.0005952.

PINKHAM, E. Amy; PENN, L David; GREEN, F. Michael; BUCK, Benjamin; HEALEY, Kristin; HARVEY, D. Philip. **The Social Cognition Psychometric Evaluation Study: Results of the Expert Survey and RAND Panel**. *Schizophrenia Bulletin*. [online]. 2014, vol.40, n.4, pp. 813-823. doi:10.1093/schbul/sbt081. Disponível em: <http://schizophreniabulletin.oxfordjournals.org> . Acesso em: 24 jun 2016.

PAWLIK, J. (1983). *Goethe Farbenlehre*. Koln: Dumont Dokument.

SAGGAR Manish, VRTICKA Pascal & REISS.Allan L. **Understanding the influence of personality on dynamic social gesture processing: an fMRI study**. *Neuropsychologia*. Author manuscript; 2016 January 8; 80: 71–78. doi:10.1016/j.neuropsychologia.2015.10.039.

SAMSON D, APPERLY IA, KATHIRGAMANTHAN U, HUMPHREYS GW. 2005. **Seeing it my way: a case of selective deficit in inhibiting self-perspective**. *Brain* 128:1102tiv

SAMSON, A. LACKNER, H., WEISS, E., & PAPOUSEK, I. (2012). **Perception of other people's mental states affects humor in social anxiety.** *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 43, 625-631. doi: 10.1016/j.jbtep.2011.08.007

SANVICENTE-VIEIRA, Breno; BRIETZKE, Elisa e GRASSI-OLIVEIRA, Rodrigo. **Translation and adaptation of Theory of Mind tasks into Brazilian portuguese.** *Trends Psychiatry Psychother.* [online]. 2012, vol.34, n.4, pp.178-185. ISSN 2237-6089. <http://dx.doi.org/10.1590/S2237-60892012000400003>. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892012000400003&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 28 ago 2016.

SAXE R, CAREY S, KANWISHER N. 2004. **Understanding other minds: linking developmental psychology and functional neuroimaging.** *Annu. Rev. Psychol.* 55:87ycho

SILVA, Maria Cecília de Vilhena Moraes. **TAT: Aplicação e interpretação do teste de apercepção temática.** Ed. E.P.U. (1989). ISBN: 85-12-64810-4

SUGUIRA M,WATANABE J, MAEDA Y, MATSUE Y, FUKUDA H, KAWASHIMA R. 2005. **Cortical mechanisms of visual self-recognition.** *Neuroimage* 24:143mag

SZONDI, Leopold. **Introdução a psicologia do destino: liberdade e compulsão no destino do homem.** Tradução: Juan Alfred César Muller. Seguido de: **Análise de casamentos: tentativa de elaboração de uma escolha amorosa.** Tradução de Pedro Sette Câmara. Revisão técnica e apresentação Giselle Muller Roger Welter. São Paulo/ SP: É realizações Editora Livraria e Distribuidora Ltda (2013).

VAN, Kolck, O. L. (1984). **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico.** São Paulo: EPU.

VAZ, Cícero E. **Z-Teste: Técnica de Zulliger - forma coletiva.** São Paulo/SP. Casa do Psicólogo, 2002.

VASCONCELOS, Ana Cristina; MENDONÇA, C. Nina. **Normalização de Trabalhos Acadêmicos: orientações.** [Belo Horizonte]: UFMG - 2016. 46p.

VIEIRA-Arrais Héliida, SOUZA, de Cristina Wânia. O reconhecimento de expressões faciais e prosódia emocional: Investigação preliminar em uma amostra brasileira jovem. **Estudos de Psicologia**, 19(2), abril a junho/2014, 89-156

VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. **As Pirâmides Coloridas de Pfister** / Anna Elisa de Villemor-Amaral. – São Paulo/SP: Casa do Psicólogo (2012).

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **QUATI: Questionário de avaliação psicológica (versão II): manual/** José Jorge de Moraes Zacharias. 5 ed. – São Paulo/SP: Vetor: 2003.